

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Juarez Fraga Junior

UM CEMITÉRIO MONUMENTAL:

Marcadores de memória e identidade no sítio arqueológico

Jaboticabeira-II (Jaguaruna, SC – Brasil)

Porto Alegre

2014

Juarez Fraga Junior

UM CEMITÉRIO MONUMENTAL:

Marcadores de memória e identidade no sítio arqueológico Jabuticabeira-II
(Jaguaruna, SC – Brasil)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de História – Licenciatura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Moehlecke Copé

Porto Alegre

2014

Juarez Fraga Junior

UM CEMITÉRIO MONUMENTAL:

Marcadores de memória e identidade no sítio arqueológico Jabuticabeira-II (Jaguaruna,
SC – Brasil)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de História – Licenciatura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Moehlecke Copé

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Adriana Schmidt Dias (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Dr. Éverton Reis Quevedo (Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul)

Porto Alegre

2014

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, Juarez e Áurea, por terem me fornecido a base necessária para superar os obstáculos que limitam tantos jovens a ingressar no ensino superior. Meu ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul se deveu ao compromisso de vocês com a formação não só de meu caráter, mas educacional.

Meus agradecimentos à professora Sílvia Moehlecke Copé por ter aceitado orientar esse trabalho. Os desafios próprios dessa ciência só puderam se tornar mais afáveis graças aos diálogos sempre envoltos de paciência e coleguismo da orientação. Agradeço à arqueóloga e professora Adriana Schmidt Dias, assim como ao diretor técnico do MUHM, Éverton Reis Quevedo, por aceitarem fazer parte de minha banca. Agradeço à UFRGS e, particularmente, a COMGRAD, o Departamento de História e à FACED. O zelo e o compromisso em não desvencilhar os exercícios da pesquisa com a prática docente serão norteadores de meus futuros trabalhos.

Agradeço muito aos muitos colegas e amigos que fiz durante os anos de graduação. Deles, em razão desse primeiro TCC, meu agradecimento ao Rhenan pela camaradagem e ao Eugênio pelo apoio ao longo da construção desse trabalho. Muitos agradecimentos aos colegas do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, Éverton, Gláucia, Juliana e João Francisco, pela parceria e experiência conquistadas ao longo dos últimos meses, fundamentais na minha formação acadêmica, pessoal e profissional. Gostaria de agradecer também ao Lauro e ao Jack D., e ao Igor pelo apoio no inglês.

Sei que eles diriam que é desnecessário esse agradecimento, mas tenho que agradecer ao Raphael e ao Arthur pelo apoio dado durante todos esses longos anos de parceria e camaradagem, que hoje fazem com que os considere como verdadeiros irmãos, cujos laços são muito mais importantes que qualquer tipo de vínculo sanguíneo.

Por fim, Bárbara, lhe agradeço por esses anos de amor, carinho, companheirismo e apoio incondicionais, que só uma pessoa única e tão especial como você poderia oferecer.

Para todos que, direta ou indiretamente, sabem o quanto me auxiliaram a chegar onde estou hoje, têm meus mais profundos agradecimentos.

"A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entre ajuda que supre a ausência do documento escrito?"

(FEBVRE, 1949, p. 428 *Apud* LE GOFF, 1990, p. 91-92)

Resumo

Os sambaquis, localizados em grande parte da costa brasileira, estão entre os sítios arqueológicos mais estudados por pesquisadores de diversas áreas. Contudo, os grupos que construíram esses *shellmounds* permanecem como um dos maiores enigmas de nossa pré-história. De restos de cozinha a locais de habitação e sepultamentos, as interpretações sobre as motivações desses grupos litorâneos para construir tais monumentos estão cada vez mais apuradas, com dados cada vez mais precisos. Nesse trabalho, com base em uma série de pesquisas da atual Arqueologia e suas ramificações, lançaremos mão, também, de estudos sobre espaços de memória e identidade provindos da Antropologia. Nesse ínterim, utilizaremos dos dados relacionados ao sítio Jabuticabeira-II (Jaguaruna, SC – Brasil) para evidenciar a capacidade desses grupos de criar vínculos autênticos com ideias como ancestralidade, pertencimento, memória e identidade cultural, em um processo construtivo que contemplou todos esses fatores, capaz de perdurar durante séculos de forma aparentemente imutável.

Palavras-chave: Sambaqui. Memória e Identidade. Cemitério. Jabuticabeira-II.

Abstract

The *sambaquis*, located in big part of the Brazilian coast, are the most studied archaeological sites by researchers from many areas. Although, the group that built those shellmounds still one of the biggest mysterious from our prehistoric. From remainders from kitchens, habitation places and graves, the interpretation of the motivation of those coastal groups to build such structures are each time more cleared, with more accurate data. In this publication, based in a series of researches of actual Archaeology and its ramifications, will be published, either, studies from memory space and identities provided from anthropology. Here, it'll be used related data from Jabuticabeira-II site (Jaguaruna, SC - Brazil) to make clear the capacity from that groups to create authentic bonds with ideas like ancestry, belonging, memories and cultural identity, in a constructive process which includes all of those factors, which was able to remain among centuries in a unchangeable way.

Key-words: Sambaqui. Memory and Identity. Graveyard. Jabuticabeira-II.

Lista de Figuras

Figura 01 - Área de abrangência aproximada do sítio Jabuticabeira-II.....	19
Figura 02 - Seção de um perfil mostrando a estrutura estratigráfica do sítio Jabuticabeira-II.....	23
Figura 03 - Buracos de estaca em um sepultamento do sítio Jabuticabeira-II.....	37
Figura 04 – Zoólitos em forma de ave encontrados em Santa Catarina.....	42
Figura 05 - Zoólito em forma de tubarão encontrado no sul do Rio Grande do Sul, próximo ao Uruguai.....	42
Figura 06 – Possíveis demarcações territoriais na paleolaguna de Santa Marta (SC).....	46

Lista de Tabelas

Tabela 01 – Divisão das culturas sambaquieiras em duas fácies, partindo da região do Vale da Ribeira, em São Paulo.....	17
Tabela 02 - Cálculos aproximados de sepultamentos realizados no sítio durante um período de 700 anos.....	21
Tabela 03 – Os dados possíveis de serem encontrados denotam a potencialidade do espaço funerário como fonte.....	27
Tabela 04 – Características de um ritual segundo pesquisadores provenientes do campo antropológico e arqueológico.....	28
Tabela 05 - Sequências de atividades desenvolvidas a partir da morte do indivíduo.....	31
Tabela 06 - Representação dos usos do fogo e seus possíveis significados no rito funerário sambaqui.....	38
Tabela 07 – Síntese da conexão entre os conceitos de monumento, espaço funerário e de demarcação territorial, identidade e memória.....	49

Sumário:

Introdução.....	10
Capítulo I – Os sambaquis e o sambaqui Jabuticabeira II	
1.1. Os sambaquis da costa brasileira	
1.1.1. Definição de sambaqui e as interpretações sobre sua construção.....	12
1.1.2. Memória, Identidade e definição de um grupo/cultura sambaqui.....	15
1.2. O sambaqui Jabuticabeira II: estudo de caso	
1. 2.1. Descrição do sítio Jabuticabeira-II.....	18
1. 2.2. Breve histórico de pesquisas no sítio.....	20
Capítulo II - Arqueologia funerária no Jabuticabeira II	
2.1. Arqueologia funerária como fonte em potencial.....	24
2.2. Conceitos de rito e sua aplicação no contexto funerário sambaqui.....	27
2.3. Estrutura do rito funerário sambaqui.....	29
2.3.1. Adornos.....	33
2.3.2. Festins.	34
2.3.3. Madeiras	35
2.3.4. Fogos.....	37
2.3.5. Líticos	41
Capítulo III – Um cemitério monumental	
3.1. Espaço funerário: memória e identidade.....	44
3.2. O sítio Jabuticabeira-II visto como um monumento.....	51
Conclusões.....	55
Bibliografia.....	57

Introdução

Desde 2009, ano em que ingressei no curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, passaram sob o meu olhar inúmeras aulas, incontáveis textos. Neles, tribos, bandos e civilizações eram descritas, detalhadas e problematizadas. No Oriente e no Ocidente, em diversos territórios e diversas épocas, o que mais me impressionou – e certamente sempre me impressionará – são as atitudes tomadas pelas sociedades diante de situações inusitadas, inevitáveis, irremediáveis. Aproximei-me, cada vez mais, dos campos que rondam à História Social e Cultural, nas aproximações do Cotidiano, das Sensibilidades e do Imaginário; na reação e atitude de homens e grupos diante do desconhecido, das doenças e do mais inevitável dos dramas: a morte.

Visitando a exposição “12000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História no Rio Grande do Sul”, realizada no Museu da UFRGS em 2013/2014, com curadoria de Sílvia Moehlecke Copé, deparei-me com a escultura de um animal feita em pedra, confeccionada com técnicas sofisticadas e com incrível atenção aos detalhes: um zoólito. Ao ler nos painéis sobre a população que o construiu e em que contextos essas esculturas são geralmente encontradas – junto a sepultamentos – deparei-me, ali, com os alicerces para iniciar esse trabalho.

Aqui, iremos nos ambientar com a costa brasileira de milhares de anos atrás. Presenciaremos, através de pesquisas de campo realizadas em um específico sítio arqueológico, um povo que habitou o litoral brasileiro antes dos grupos falantes da língua Tupi, encontrados na costa brasileira pelos portugueses: os povos dos sambaquis. O principal objetivo desse trabalho é analisar o potencial dos sambaquis monumentais – representados aqui pelo sítio arqueológico Jabuticabeira-II - como marcadores não só territoriais, como vem apontando diversas pesquisas, mas também e fundamentalmente de memória e identidade, sendo estas estruturas responsáveis pela manutenção da cultura sambaquieira até os dias de hoje. O exemplo de Jabuticabeira-II será usado por ter em seu histórico - desde sua construção e uso ininterrupto até o fim da própria cultura em si - mais de mil anos de vestígios e ações dos grupos sambaquieiros que habitaram a região.

Verificamos, através de vestígios arqueológicos deixados pelas práticas funerárias realizadas no sítio sambaqui Jabuticabeira-II e que perpassam a construção do sítio, as composições de suas camadas, a estrutura padrão do rito funerário, a existência de uma complexidade social e organização avançada do grupo que ali residia. Nesse trabalho, mostraremos como esses grupos podem ser capazes de criar vínculos autênticos com ideias como ancestralidade, pertencimento, memória e identidade cultural em um processo construtivo que contemple todos esses fatores, capaz de perdurar durante séculos de forma aparentemente imutável.

Capítulo I – Os sambaquis e o sambaqui Jabuticabeira II

1.1. Os sambaquis da costa brasileira

1.1.1. Definição de sambaqui e antigas interpretações sobre sua construção

Por volta de 6500 anos AP¹, parte da costa brasileira foi ocupada por grupos de caçador-coletores e pescadores. As condições climáticas, nesse período, eram bastante favoráveis para a sobrevivência desses grupos no litoral. O clima do planeta passava por um considerável aquecimento, momento esse que foi denominado Ótimo Climático ou Altitermal (LIMA, 1999, p. 283-284). Em linhas gerais, ao fim da última glaciação ocorrida há 12000-10000 anos, a temperatura aumentou gradativamente – atingindo níveis superiores aos atuais - até 6000-5000 anos. Com o derreter das geleiras continentais formadas durante o período glacial, o nível dos oceanos se elevou consideravelmente, trazendo mudanças significativas às regiões litorâneas, tais como mudanças na cobertura vegetal e, conseqüentemente, da fauna (LIMA, 1999, p. 284). No Ótimo Climático (6500/4000 AP), a temperatura e umidade atinge o máximo, a decomposição química das rochas cria sedimentos finos (argila e silte) que são depositados nos vales, estuários e baías, criando ótimas condições de reprodução dos moluscos marinhos. Ambientes de maior concentração de sambaquis são os estuários de rios com água salobra por desembocarem próximos ou no próprio mar, próximos de lagoas, encostas florestais e mangue (restinga).

O maior vestígio deixado por esses grupos são os sambaquis, cujo nome deriva de uma palavra de etimologia Tupi: junção dos termos *Tamba* (conchas) e *Ki* (monte; amontoado)². Chegando a ter mais de 30 metros de altura, os sambaquis são amontoados de conchas de diversas espécies, de ossos de peixes e mamíferos. Compõe a formação do sambaqui, além das conchas, ossos humanos e de animais, inúmeros

¹ AP significa “antes do presente”, que, por convenção, é 1950. A data foi escolhida em razão da descoberta da técnica de datação através do Carbono 14, ocorrida em 1952. Assim, quando dizemos 6500 anos AP, significa que este é 6500 anos antes de 1950. Se utilizarmos a datação AC (Antes de Cristo), esta se equivaleria a 4550 AC.

² Ressaltamos que Tupi era a língua falada pelos horticultores e ceramistas que ocupavam a costa durante os séculos XV-XVI, quando desembarcaram os primeiros europeus, não tendo, assim, conexão com os povos construtores dos sambaquis.

artefatos de diversas matérias-primas, bem como de marcas de estacas e manchas de fogueiras, os quais tornam a estratigrafia³ do sítio bastante complexa e intrincada (GASPAR, 2000, p. 10). Datações radiocarbônicas realizadas em algumas dessas formações sugerem que tenham sido construídas em torno de 6000 anos AP. Há uma grande diversidade de hipóteses do por que dos sambaquieiros terem construído tão grandes estruturas: de locais seguros de habitação a cemitérios.

No século XIX, Dom Pedro II presenciou a retirada de esqueletos através de escavações em sambaquis. Naquele momento, acreditavam-se nos montículos, feitos com conchas, como estruturas realizadas naturalmente: subidas e descidas de marés que teriam acumulado grande quantidade desses sedimentos. Os esqueletos, diante desse contexto, seriam naufragos que foram levados pelas águas e misturaram-se à formação dos montículos. Posteriormente, acreditou-se que os grandes monumentos seriam restos de cozinha, depositados e acumulados em um único lugar pelos grupos caçadores-coletores e pescadores que, depois de se beneficiarem com toda a subsistência local, se deslocavam para outras regiões.

Considerando que o substrato conchífero que compõe os montículos como evidência de alimentação cotidiana de um grupo, a maioria dos pesquisadores, até os anos 1950, acreditava na coleta de moluscos como o meio de subsistência principal dessa sociedade (DE BLASIS; GASPAR, 2008, P. 04). Esse modo de raciocínio embasou a ideia de que essas sociedades tinham como característica o nomadismo, realizando sucessivos acampamentos por todo o litoral, o que explicaria o grande número de sítios ao longo da costa. A partir dos anos 1950, João Alfredo Rohr, jesuíta e arqueólogo do Museu de História Natural do Colégio Catarinense, iniciou uma série de escavações em sambaquis da região. Contrariando a metodologia da época – escavações de ordem vertical -, Rohr promoveu escavações amplas em superfícies horizontais, permitindo compreender como se dava a utilização espacial do sambaqui pelo grupo, particularmente o espaço funerário (LIMA, 2000, p. 298).

³ Ramo da Geologia utilizado no trabalho arqueológico, que estuda os estratos e camadas rochosas que compõe determinado terreno, rocha ou, no caso, um sítio arqueológico.

A partir de meados da década de 1970, os sambaquis, enquanto construções verticalizadas começaram a ser entendidos como ajustes adaptativos da sociedade litorânea ao habitat. Em suma, a necessidade de proteção das marés altas, da umidade e dos insetos, assim como o controle estratégico do ambiente, fez com que essa sociedade construísse, com o material que tinha disponível no próprio ambiente – conchas e moluscos, principalmente - os sambaquis (LIMA, 2000, p. 299-300). O arqueólogo francês André Prous, estudioso de sambaquis e suas expressões artísticas, alegou como motivos para a construção dos montículos a ventilação - que protegeria os indivíduos de insetos como borrachudos e mutucas -, assim como maior segurança, já que a altura da estrutura o tornaria de fácil defesa (PROUS, 1992, p. 208).

As décadas de 1980 e 1990 direcionaram seus estudos à adaptação das culturas ao meio ambiente, baseados em um ramo da arqueologia denominada Arqueologia Processual, iniciada na década de 1960, com seu ápice nos fins dos anos 1970 (LIMA, 2000, p. 304). Com importantes análises realizadas em sedimentações específicas, com a contribuição do maior uso de datações radiocarbônicas, podemos detectar mudanças nas atividades dos grupos sambaquieiros. Através de estudos realizados em ambientes específicos, podemos perceber, com o auxílio de outras ciências, sequências em desenvolvimento de variações de subsistência e produção tecnológica, podendo também ser separadas em “fases” (LIMA, 2000, p. 306). A partir de 1990, iniciaram estudos multidisciplinares em torno dos sítios arqueológicos do tipo sambaqui. Em suma, pesquisadores de diversas áreas, com suas práticas metodológicas e campos do conhecimento, agregaram em um único projeto diversas abordagens que, ao dialogarem, trouxeram novos significados e perspectivas em torno dos montículos conchíferos e dos grupos que os construíram. Hoje, esses projetos continuam em andamento, agregando cada vez mais pesquisadores de universidades e ciências variadas, acrescentando à análise sobre o sítio seus diferenciais.

Atualmente, há uma série de consensos quanto à identificação de um sambaqui e sua definição. Gaspar (2000), por exemplo, ressalta que para definir algum sítio arqueológico como pertencente ao grupo construtor de sambaquis, ou seja, ligado a sua identidade cultural, é necessário que este atenda três aspectos fundamentais:

- 1) proximidade de grandes corpos d'água;
- 2) presença de sepultamentos;
- 3) construção intencional, com materiais conchíferos presentes, de estruturas monticulares.

Logo, consideram-se sambaquis estruturas intencionalmente produzidas pela ação humana, com finalidades específicas, podendo-se, inclusive, falar de uma *arquitetura de sambaquis* (DEBLASIS; GASPAR, 2008, p. 02-03 [Grifo dos autores]). Atualmente, ao analisar o processo de formação dos sítios, se destacam o intento humano de sua construção, bem como algumas de suas motivações, palco de inúmeras pesquisas e projetos. Hoje, o acúmulo de conhecimento sobre esses grupos permite que possa ser discutido como se davam as atividades de seu cotidiano, as possíveis formas de diálogo dessa sociedade com outros grupos; com o meio ambiente; com seus antepassados; e com o sagrado.

1.1.2. Memória, Identidade e a definição de um grupo/cultura sambaqui

Desde o início das pesquisas arqueológicas sobre os sambaquis distribuídos pela costa brasileira, houve dúvidas quanto à origem de seus habitantes, a saber: a ideia de uma filiação cultural, isto é, um grupo extenso de homens vindos do interior do continente que teria chegado ao litoral e se dispersado pela costa; e a ideia de que estes se tratavam de diferentes grupos vindos de locais distintos (TENÓRIO, 2004, p. 170).

Alguns pesquisadores, segundo André Prous, buscarão diferenciar os grupos presentes através dos vestígios arqueológicos encontrados. Em suma, os grupos seriam classificados através de sua cultura material (PROUS, 1992, p. 259). A cultura material, uma ampla série de objetos produzidos ou modificados pelo homem, é a principal fonte e matéria-prima do profissional de arqueologia. Segundo Bianchini:

Incluem-se aí tipos *especiais* de objetos tais como ossos, argila, rochas, madeiras, conchas... Quando depositados inteiros ou fragmentados de maneira particular, suas texturas, cores, formas, e suas relações deposicionais em diferentes contextos (assentamentos, habitações, rituais, sepultamentos etc) podem ser analisadas de forma produtiva nos termos em que objetificam tipos particulares de relações sociais e de concepções de mundo. (BIANCHINI, 2011, p. 51 [Grifo do autor])

Em 1970, iniciou-se o questionamento sobre a suposta homogeneidade cultural dos construtores de sambaquis, muito defendida até meados da década de 1960. Reconhecendo uma grande variabilidade não só entre diferentes áreas, mas entre sambaquis próximos regionalmente, pesquisadores como Anamaria Beck (1974) atribuíram essa diversidade a diferentes contatos intersocietais. Encontrando artefatos particulares da região sul catarinense no Uruguai, como os zoólitos, por exemplo, supôs-se que havia relações de troca entre os grupos litorâneos com os do planalto⁴ (LIMA, 2000, p. 300).

O princípio da divisão cultural ocorreu na busca por uma referência que tornasse determinados locais distintos do restante, numa busca pela “identidade sambaquieira”. Segundo a arqueóloga Maria Cristina Tenório (2004), ainda hoje há dificuldades em se detectar algum tipo de delimitação cultural devido à complexidade e distinção entre sítios próximos:

Numa análise da arqueografia brasileira, pode-se verificar a dificuldade de delimitação das províncias culturais, a partir do estudo da distribuição da cultura material. Sua delimitação em fácies foi importante para uma primeira sistematização, mas, numa abordagem mais detalhada, pode-se constatar a ineficácia das classificações, já que são comumente encontrados sítios distantes entre si portando uma mesma cultura material e, ao mesmo tempo, sítios próximos e contemporâneos apresentando diferenças marcantes. (TENÓRIO, 2004, p. 170)

⁴ Para melhor compreensão da escolha dos sítios e o caráter metodológico da aplicação das diferenças culturais entre os grupos sambaquieiros, ver a tese de doutorado de Anamaria Beck (1974), referenciado na bibliografia desse trabalho.

Com o avanço das pesquisas, diversas divisões e subdivisões foram construídas. O vetor principal para caracterizar as culturas sambaqueiras provinha de suas tecnologias: a presença de zoólitos, a ausência de alguns instrumentos líticos, etc. Como foram encontradas dezenas de zoólitos do sul de São Paulo até a costa do Rio Grande do Sul, frente à escassez dessas esculturas ao norte do Vale da Ribeira, em São Paulo, acreditou-se numa divisão sociocultural nessas duas direções. Do norte de São Paulo à totalidade do litoral dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, chegando ao sul da Bahia, encontra-se a fácies do litoral central. Com poucas características exclusivas, utiliza-se das lascas de quartzo presentes no litoral do RJ para definir essa cultura. Já na fácies meridional, que se localiza entre o sul de São Paulo e o Rio Grande do Sul, destaca-se a presença de esculturas zoomorfas (PROUS, 1992, p. 259-263).

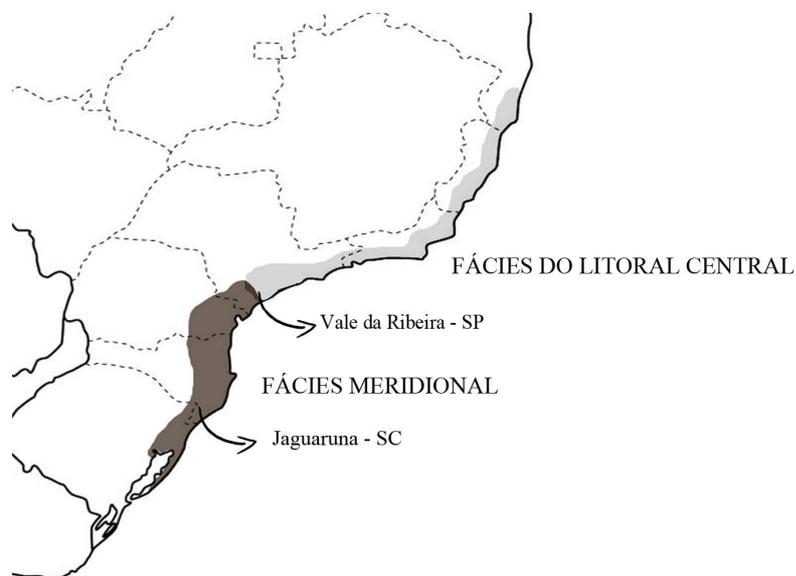


Tabela 01 – Divisão das culturas sambaqueiras em duas fácies, partindo da região do Vale da Ribeira, em São Paulo. (Tabela do autor)

É de suma importância compreender qual o sentido dado ao conceito de cultura. Por se tratar de um conceito de grande abrangência, esse termina por adquirir diversas aplicações em contextos, muitas vezes, distintos. Neste trabalho, será definido o conceito de *cultura* tal qual o da análise do historiador brasileiro Alfredo Bosi, em sua obra *Dialética da Colonização* (1992). Bosi buscou na linguística e na etimologia a ideia de cultura que, tal como *culto* e *colonização*, derivaria do termo latino *colo*: “*eu*

ocupo a terra”. O termo cultura seria, assim, o futuro desse verbo, significando, portanto *o que se vai trabalhar, o que se quer cultivar*. Nesse âmbito, o termo se expande do princípio focado em “agricultura” até o campo das ideias, onde se verificaria essa ação na transmissão de valores e de conhecimento para as próximas gerações (SILVA, 2009, p. 87). Logo cultura seria visto, por Bosi, como um conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social (BOSI, 1992, p. 17).

A ideia de cultura surge, para nós, intrinsecamente ligada à identidade de um grupo. A ação da memória tem responsabilidade vital na perpetuação das práticas que darão ao grupo uma identidade social e cultural. Entendemos aqui esse conjunto de práticas como uma propriedade do grupo, aplicadas e reproduzidas graças à memória coletiva. Memória essa “baseada em imagens e paisagens, composta pelas lembranças vividas pelos indivíduos ou que lhes foram repassadas, a memória coletiva fundamenta e define a própria identidade do grupo” (SILVA, 2009, p. 276). Já no que se refere à identidade, entendemos essa como parte integrante dos fenômenos dinâmicos das relações sociais. Sendo as identidades construídas nas relações entre semelhanças e diferenças, existem marcas fundamentais que resguardam os elementos mais perpetuados pelos grupos (CASTRO, 2009, p. 16-17). Para identificar as práticas que marcaram o caráter de memória e de identidade do sítio Jabuticabeira-II, vemos como essencial analisar, num primeiro momento, o espaço onde o sítio se localiza e sua influência no meio e, posteriormente, verificar de forma analítica os rituais realizados no local, com ênfase aos rituais funerários.

1.2 – Jabuticabeira-II

1.2.1 - Descrição do sítio Jabuticabeira-II

O Jabuticabeira-II (JAB-II) é um dos sítios litorâneos mais estudados na história da arqueologia brasileira. Localizado em Jaguaruna, município do litoral sul de Santa Catarina (Brasil), o sítio se encontra a cerca de 1 km da margem sudoeste da lagoa

Garopaba do Sul e cerca de 6 km do mar⁵. Enquanto sambaqui de grande porte, ele ocupa uma área de aproximadamente 8,4 hectares, elevando-se a cerca de 10 metros de altura e perfazendo 400 m no seu eixo maior e 250 metros na diagonal (BIANCHINI, 2011, p. 53). Segundo Simões, o sítio JAB-II teve sua estrutura bastante perturbada por ações humanas:

Este sambaqui foi bastante explorado pela mineração até 1980, além de ter sido cortado ao meio pela abertura de uma estrada vicinal. Das duas áreas separadas pela estrada, a porção oeste encontra-se praticamente destruída, enquanto que o lado leste, apesar de bastante impactado, contém porções do sítio que ficaram preservadas e que apresentam ainda, a estratigrafia original intacta. (SIMÕES, 2007, p. 29)

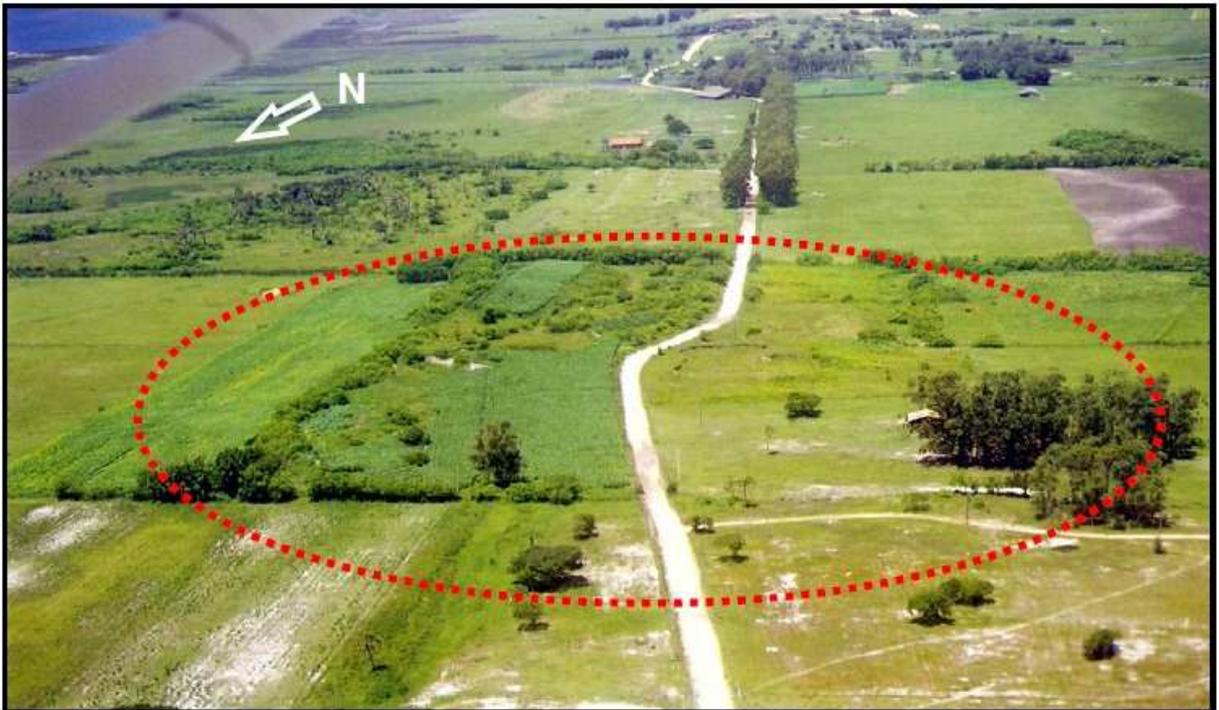


Figura 01 - Área de abrangência aproximada do sítio Jabuticabeira-II (SIMÕES, 2007, p. 30).

⁵ Georreferenciado pelas coordenadas -28 35' 25,06156" e -48 57' 36,33285" (BIANCHINI, 2011, p. 53).

1.2.2 - Breve histórico de pesquisas no sítio

Desde 1997 vem sendo desenvolvidos estudos acerca dos processos formativos que, ao final, resultou no imponente JAB-II. A maior parte dos primeiros estudos multidisciplinares realizados nesse sambaqui foi realizada pelo projeto *Sambaquis e Paisagem*, liderado pelos arqueólogos e bioarqueólogos Paulo DeBlasis, Andreas Kneip, Rita Scheel-Ybert, Paulo César Giannini e Maria Dulce Gaspar. Trata-se de um projeto de pesquisa de cunho regional que, além do enfoque arqueológico, possui olhares sobre questões paleoambientais. De maneira articulada, esses objetivos são buscados através da integração de pesquisadores e especialistas de diversas instituições⁶.

Estudos realizados no JAB-II estão comprovando, cada vez mais, o sítio como um espaço ritualizado (DEBLASIS *et al*, 2007, p. 49). A ausência de resquícios vinculados à atividade cotidiana demonstra a função simbólica para a qual esse sambaqui pode ter sido construído, podendo ser um monumento destinado especialmente aos mortos, sendo essa a razão essencial do JAB-II. Conforme ressalta o arqueólogo:

Vem sendo desenvolvido no sambaqui Jabuticabeira-II, desde 1997, estudos acerca dos processos formativos que geraram estas impressionantes estruturas conchíferas, assim como das características biológicas e de saúde da comunidade. Pesquisas sistemáticas neste sambaqui revelam que sua construção se deve exclusivamente a atividades relacionadas a rituais funerários. (DEBLASIS *et al*, 2007, p. 33)

A comparação do número de sepulturas com sambaquis próximos demonstra a exclusividade do JAB-II como local de práticas funerárias (GASPAR, 2000, p. 64). O impressionante contraste entre a ausência de indícios do sítio como local de moradia de um grupo numeroso, com a abundância de sepulturas, reforça o caráter do JAB-II como

⁶ Participam, do projeto, além de consultores de outras instituições, profissionais do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Instituto de Geociências (IG), Instituto de Astronomia e Geofísica (IAG), Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Museu Nacional (UFRJ), Grupo de Pesquisas em Educação Patrimonial da Universidade do Sul de Santa Catarina (GRUPEP/UNISUL), Universidade do Tocantins (UFT) e a Universidade do Arizona (ASM-U of A) (DEBLASIS, 2007, p. 31-32).

um espaço essencialmente cemiterial. A arqueóloga Maria Dulce Gaspar aponta o ritual funerário como uma prática intrinsecamente relacionada ao processo de crescimento do JAB-II. Segundo ela, o sítio é o resultado da repetição de cerimônias fúnebres durante mais de mil anos, que resultaram na acumulação de enorme quantidade de restos faunísticos (GASPAR, 2000, p. 70). Existem até o momento 46 datações disponíveis sobre JAB-II e suas análises apontam para uma ocupação contínua do sítio entre 2880+-75 anos BP (3209-2779 anos AP) e 1805+-65 anos BP (1864-1534 anos AP) (BIANCHINI, 2011, p. 53). As dezoito datações⁷ provenientes do sambaqui não revelaram um único indício de que o sítio tivesse sido abandonado. Segundo Gaspar, os dados são incontestáveis, surpreendendo o fato de que um sambaqui estivesse ativo durante tanto tempo (GASPAR, 2000, p. 45).

Nos cálculos que envolvem os sepultamentos, vale salientar o fato do estado de Santa Catarina contar com o maior número de sambaquis monumentais no Brasil. A densidade populacional, assim como a complexidade social, são fatores relevantes que endossam os significativos números (GASPAR, 2000, p. 62). Calcula-se que foram sepultadas, no JAB-II, aproximadamente 43.480 pessoas (GASPAR, 2000, p. 62) (DEBLASIS *et al*, 2007, p. 49). Segundo a arqueóloga que faz parte do grupo de estudos que realizou os cálculos, “considerando para o cálculo demográfico o intervalo de 700 anos, estipulamos que em cada geração de 25 anos, 1.550 pessoas foram ali enterradas” (GASPAR, 2000, p. 62). Klokler também apresentará números que permanecem surpreendentes. Em sua tese de doutorado, a arqueóloga disponibilizará a tabela que traduzimos a seguir:

Estimativa de sepultamentos no sítio JAB-II (baseado em FISH <i>et al</i>, 2000)
Número estimado de indivíduos sepultados no sítio JAB-II:

⁷ Datações associadas aos estudos sistemáticos de 200 metros de perfil, aliadas à abertura de trincheiras em diferentes pontos do sambaqui e à escavação de uma pequena área (GASPAR, 2000, p. 45).

Sepultamentos por m ³	137
Total de m ³ do sítio	320.000
Cálculo estimado de número de sepultamentos presentes no sítio JAB-II:	
Número de Sepultamentos	43.840
Número de anos	700
Sepultamentos por ano	63
Sepultamentos por geração (25 anos)	1.575

Tabela 02. Cálculos aproximados de sepultamentos realizados no sítio durante um período de 700 anos. Fonte: KLOKLER, D. Food for Body and Soul: mortuary ritual in shell mounds (Laguna-Brazil). Tese de Doutorado. Arizona: Departamento de Antropologia da Universidade do Arizona, 2008. p. 38.

Sabendo que o sambaqui JAB-II foi constituído com base nos rituais funerários, verificamos, então, como estão estabelecidas as camadas do sítio. As camadas possuem uma estratigrafia bastante complexa. Podemos averiguar uma alternância de camadas que podem ser descritas como pertencendo a duas formações:

- Camadas funerárias: Não ultrapassando 20 cm de espessura, essas camadas se caracterizam pelo sedimento escuro rico em restos orgânicos. Algumas vezes aplainados ou num conjunto de pequenos conchíferos, possuem diversos sepultamentos, com aparatos funerários e artefatos associados. São encontrados, ainda nessas camadas, marcas de estacas, estruturas de combustão e manchas que indicam a presença de fogueiras;
- Camadas de preenchimento: também conhecidas como “camadas de cobertura”, são camadas de conchas e de areia, responsáveis por cobrir cada camada funerária. Elas se caracterizam por não possuir vestígios de fogueiras e

de buracos de estaca. Raramente são encontrados artefatos e, quando estes ocorrem, se dão de forma isolada (BIANCHINI, 2011, p. 53-54).

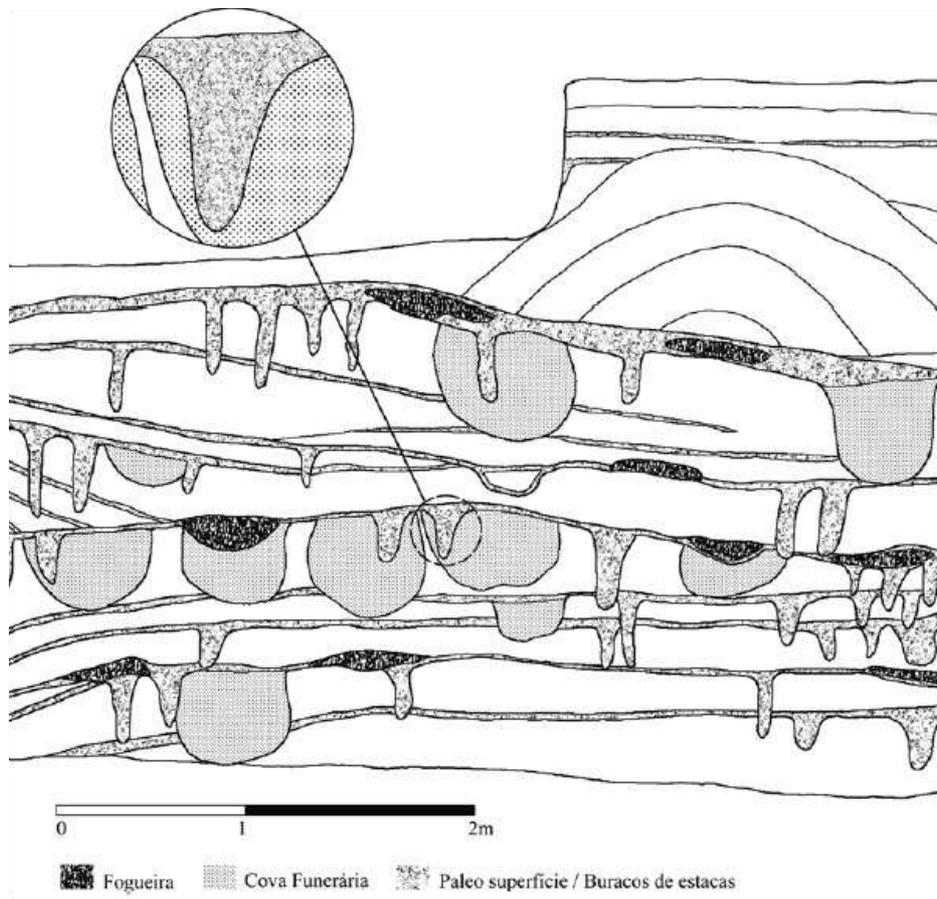


Figura 02 - Seção de um perfil mostrando a estrutura estratigráfica do sítio Jabuticabeira-II, em Jaguaruna (SC-Brasil) (adaptado de Fish et al, 2000). Estruturas em forma de V no perfil representam buracos de estaca (ver detalhe). (SCHEEL-YBERT, 2005, p. 145)

Dentro dessa análise sobre a formação do sambaqui, é perceptível verificar essa construção como uma prática de clara intencionalidade. Dentro de uma análise mais focada sobre os ritos funerários, ou seja, na verificação dos sedimentos responsáveis pela composição das camadas do sambaqui, será evidenciado o caráter ritual do processo de construção do JAB-II.

Capítulo II – Prática funerária no sambaqui

2.1 – A arqueologia funerária como fonte em potencial

O estudo das práticas funerárias é uma linha de pesquisa consagrada há anos na Arqueologia. Embora antiga temporalmente, sua metodologia, seus usos conceituais e suas práticas em campo sofreram grandes modificações: até a década de 1950, do corpo, apenas o crânio importava, não tendo relevância qualquer outro vestígio do corpo humano. Dos adornos, apenas as tecnologias mais rebuscadas eram consideradas dignas de estudo. Mais tarde, até mesmo as bases onde eram moldadas tais tecnologias começaram a se tornar interessantes. Em suma, tanto na descoberta e aplicação de novas tecnologias de apoio, como nas formas de ver e explorar os vestígios arqueológicos e suas potencialidades como fonte se modificaram drasticamente ao longo das décadas⁸.

Tendo contribuições de diversas outras ciências, a Arqueologia das Práticas Mortuárias, bem como a Arqueologia da Morte, são estudos que buscam, nos sepultamentos encontrados em sítios arqueológicos, obter novas informações sobre o grupo que realizava tal prática e sobre a sociedade que o morto pertencia. As atitudes do homem frente à morte se revelam uma vertente importante dos aspectos culturais que tangenciaram determinadas sociedades. Dentro disso, Castro dirá que a morte não é vista pelo homem apenas como algo natural. A maneira que determinado grupo encontra para enfrentar o inevitável fato revela um atributo cultural que se expressa de diferentes formas, variando conforme o contexto cultural em que se manifesta (CASTRO, 2009, p. 15). Esse reconhecimento da importância do contexto cultural, embora essencial, é recente. Em fins do século XIX, pesquisadores interpretavam a reação das populações pré-históricas diante da morte com a dicotomia corpo/espírito, onde muitos apontavam os rituais como a crença na sobrevivência do último após a decadência do primeiro (RIBEIRO, 2007, p. 45). Segundo a arqueóloga, boa parte dos arqueólogos das décadas de 1960 e 1970 apresentava à comunidade científica a

⁸ Mais informações acerca das práticas arqueológicas em espaços funerários e seu potencial de pesquisa, ver as publicações de Lewis R. Binford (1971), Robert Chapman (2003) e Marily S. Ribeiro (2007), referenciados na bibliografia deste trabalho.

interpretação de que os rituais mortuários eram frutos do medo dos vivos diante da morte e dos mortos. Os rituais mortuários seriam, assim, empregados como meios de controle dos vivos sobre estes mortos. Oferendas, pedras sobre os túmulos e as vestimentas seriam comprovações do temor e das tentativas de dominar as possíveis reações dos mortos sobre os vivos, especialmente os entes mais próximos e os que realizaram o ritual mortuário. (RIBEIRO, 2007, p. 45).

Nesse cenário, não só o aparato funerário serve de objeto para estudo, mas também o morto. O arqueólogo Arno Kern dirá que “o próprio corpo físico do homem, tão caro aos arqueólogos da pré-história, é igualmente um objeto, e como tal é tratado pelos arqueólogos, ao ser encontrado nos sítios arqueológicos” (KERN, 1991, p. 38). O indivíduo sepultado se torna uma fonte de informações preciosas aos pesquisadores, pois nele podem ser encontradas respostas para questões que envolvem diversos âmbitos da vida do indivíduo e da sociedade a qual ele pertence. O arqueólogo britânico Robert Chapman, em artigo sobre as pesquisas realizadas até então em espaços funerários, ressaltava a riqueza de informações passíveis de estudo pelos pesquisadores: não só com as metodologias e suas novas abordagens, mas também com as frequentes descobertas tecnológicas do século XX:

Archaeological analyses of death now occur at a variety of scales, from the individual body through to the cemetery and the regional landscape. Problems under study range from the body and its representation of identity, to differences of age, gender, social position, health, ethnicity, the long-term roles of the ancestors, symbolism and cosmology in the delineation of social landscapes and social reproduction, and even discussion of emotional responses to death. (CHAPMAN, 2003, p. 311)

Nesse ínterim, destacando agora não só o corpo, mas as práticas funerárias como um todo, Ribeiro apontou que:

Dentro da abordagem dos estudos das práticas mortuárias, as contribuições para as reconstruções de paleo-ambientes se deram a partir da busca por restos de pólen nas sepulturas e pelos vestígios de alimentos associados aos objetos mortuários. No sentido oposto, ou seja, na contribuição dos estudos ecológicos para os estudos de práticas mortuárias, tem-se o levantamento de hipóteses quanto às

possibilidades de observar se os enterramentos variam conforme a estação do ano, se há uso sazonal do cemitério, a possibilidade de rastrear restos orgânicos associados ao enterramento (flores, alimentos) e, juntamente com a análise óssea, a reconstituição de dietas e enfermidades. (RIBEIRO, 2007, p. 70)

Em suas abordagens “historiográficas” sobre as práticas funerárias, tanto Chapman quanto Ribeiro citaram o emprego metodológico do arqueólogo estadunidense Lewis Binford como um marco na história das práticas arqueológicas sobre espaços funerários. Dentro do contexto de meados do século XX, com trabalhos publicados entre os anos 1950 e 1980, Binford buscou contextualizar as práticas funerárias, evidenciando que era inevitável não cometer equívocos ao utilizar uma metodologia que analisava apenas a prática funerária sem reconhecer os fatores culturais externos, que certamente o compõe. Esta posição fez dele o principal crítico da análise realizada tanto pela arqueologia quanto pela antropologia sobre as práticas funerárias (CHAPMAN, 2003, p. 306) (RIBEIRO, 2007, p.75).

Com o início de novas práticas metodológicas e conceituais, bem como a aplicação de algumas ideias em detrimento de outras, passam a surgir grandes estudos sobre rituais funerários, principalmente nos sambaquis do Brasil. Se antigamente, os sambaquis tinham suas camadas violadas pelo ramo da construção civil atrás de cal; e amadores que furtavam crânios com o objetivo de vender para cientistas europeus, em meados do século XX passou a se lutar arduamente contra a destruição desses sítios. No campo de estudo dos sambaquis, até o início da década de 1990, as diversas categorias de profissionais que pesquisavam sobre os sepultamentos nos sambaquis não trocavam informações. Foi só em finais do século XX que começaram a surgir pesquisas com perspectivas mais abrangentes e projetos multidisciplinares, permitindo um grande avanço nas técnicas e métodos de estudo sobre os sítios, particularmente no que diz respeito às práticas funerárias (KLOKLER, 2013, p. 110). A união de diversas ciências e suas tecnologias possibilita, hoje, identificar diversos aspectos em relação ao morto e a sociedade que ele pertencia. Vejamos alguns dados passíveis de detecção no estudo da prática funerária nos sambaquis, segundo Klokler (2013, p. 111):

Informações relativas ao Indivíduo	Informações relativas ao contexto social
Idade e Sexo	Demografia
Origem geográfica	Economia
Saúde (Dieta, Condição física, Doenças)	Relações de Poder e de Gênero
Status e filiação social	Ideologia e Religião

Tabela 03 – Os dados possíveis de serem encontrados denotam a potencialidade do espaço funerário como fonte.

Para além do conhecimento sobre o morto, os estudos multidisciplinares realizados sobre os conjuntos funerários dos sambaquis possibilitam descobrir informações valiosas sobre essa população. Seus resultados permitem aos arqueólogos formular novas interpretações sobre o modo de vida e a complexidade social dos sambaqueiros, e novos estudos buscam compreender a cosmogonia dessa população litorânea.

2.2 - Conceitos de rito e sua aplicação no contexto funerário sambaqui

Uma parcela significativa dos arqueólogos especializados em análise de sítios sambaquis consideram suas práticas funerárias como rituais. É interessante, antes disso, entender quais aspectos são necessários para que uma prática mortuária seja considerada, ao menos academicamente, um rito. Após isso, buscaremos identificar esses requisitos no processo funerário sambaqueiro, a fim de considerá-los como uma prática ritual por excelência.

Tanto a Antropologia quanto a Arqueologia possuem características gerais próprias para classificar um conjunto de práticas como um ritual. Mariza Peirano (2000), antropóloga brasileira que tem os rituais como sua principal fonte de estudos, traz ao longo de seu trabalho *A Análise Antropológica de Rituais*, aspectos que podem ser destacados em uma sequência de cinco ordens específicas comuns em práticas

rituais. Embora ela mesma tenha dito em outra obra que não cabe aos antropólogos dizer o que é e o que não é um ritual (PEIRANO, 2002, p. 08-11), acreditamos que os dados acenados pela pesquisadora – uma especialista em estudos sobre o conceito de ritual – podem servir como norteadores, sendo assim apropriados em nosso estudo. Já no campo arqueológico, há sete itens trazidos pela arqueóloga britânica Ellen-Jane Pader (1982) a serem cumpridos, onde alguns coincidem com o olhar antropológico.

ARQUEOLOGIA (PADER, 1982)	ANTROPOLOGIA (PEIRANO, 2000)
1) Formalização.	1) Uma ordenação que os estrutura.
2) Intencionalidade. 3) Experiência sagrada ou santificada.	2) Sentido de realização coletiva com propósito definido.
4) Formas extraordinárias de comunicação. 5) Estilização.	3) Uma percepção de que eles são diferentes do cotidiano.
6) Natureza conservativa (imutabilidade).	4) Rigidez.
7) Comportamento especial e repetitivo.	5) Repetição.

Tabela 04 – Características de um ritual segundo pesquisadores provenientes do campo antropológico e arqueológico.

Para atender esses requisitos, é necessário conhecer, parte a parte, a estrutura da prática funerária sambaqui e, assim, identificar nela as características nominais de um rito. Buscaremos, através de descrições e interpretações de arqueólogos sobre sepultamentos encontrados em alguns sambaquis - com ênfase aos encontrados no sítio JAB-II, possuidor do maior número de sepultamentos e estudos realizados sobre estes

no sul do Brasil -, encontrar fatores que atendam a todas as características valiosas à Antropologia e a Arqueologia.

2.3 - Estrutura do rito funerário sambaqui

Em 1999, a arqueóloga Tânia de Andrade Lima já afirmava que a arquitetura do sítio JAB-II marcava possíveis diferenciações sociais revestidas de um caráter cerimonial:

As construções contêm evidências de ritos funerários e possivelmente cósmicos, e essas diferenciações estão expressas em sepultamentos bastante elaborados. As esculturas em pedra e osso – os zoólitos –, muitas delas recuperadas nesses contextos mortuários, parecem ter se destinado à produção de estímulos sensoriais e emocionais. Fortemente simbólicas, carregadas de um significado dificilmente alcançável foram decerto elementos de comunicação ritual. (LIMA, 1999, p. 312)

Hoje, uma gama de pesquisas formada por novas abordagens, métodos e estudos multidisciplinares possibilitam visualizar as etapas da estrutura da prática funerária sambaqui, tornando essa essencial para um melhor reconhecimento das mudanças ocorridas e compreender com clareza seus significados. Sabe-se que cada utensílio utilizado em um ritual é símbolo específico de cada ideia presente no imaginário do grupo. Por isso, torna-se fundamental o conhecimento dos utensílios que compõe o aparato funerário, desde sua origem até sua função na prática mortuária. Conforme dirá Gina Faraco Bianchini, ligada ao Departamento de Antropologia do Museu Nacional, sobre a prática ritual sambaqui:

Considerando que o ritual funerário foi um aspecto central da cultura sambaqueira, é de se esperar que todo o material que integrava a cerimônia tivesse sido escolhido criteriosamente, integrando elementos cujas características fossem consideradas oportunas de acordo com o universo simbólico do grupo. (BIANCHINI, 2007, p. 227)

Logo, cada etapa do processo funerário deve ser considerada como essencial. A quebra dessa estrutura poderia significar a ruptura do processo que se buscava ao

realizar o ritual. Se supusermos que para os sambaqueiros a morte era uma forma de passagem e sua prática funerária era o processo definitivo de partida do morto, a ausência de alguma etapa, ou mesmo a desordem destas, poderia significar um grande “prejuízo” para o morto, bem como para os responsáveis pela organização do ritual. Deve-se salientar, no entanto, que os rituais funerários sambaqui não são idênticos. Há tratamentos diferenciados entre alguns indivíduos, mesmo num único sambaqui. Todavia, é perceptível o seguimento de um determinado padrão nos sepultamentos (GASPAR, 2000, p. 70). Entendemos esse padrão como a espinha-dorsal do ritual funerário sambaqui: o conjunto indispensável de práticas a serem realizadas para o sucesso do ritual, da preparação do local e do corpo até sua deposição e práticas de luto.

Entendemos que a natureza ritual da prática funerária deve ser reconhecida apenas a partir do contexto em que esta se desenvolveu. Reconhecendo o contexto simbólico e sagrado do ambiente e da intencionalidade das ações que compõe a prática funerária, a estrutura do rito funerário se torna uma rica fonte para a distinção de características que envolvem relações de poder, de gênero, assim como possíveis interpretações sobre a cosmogonia e a ideia de valores, memória e identidade da sociedade em questão. Desse modo, vemos como fundamental analisar primeiramente o espaço funerário, sua construção e manutenção. Depois, então, verificar-se-á a estrutura do rito funerário e suas composições. Concordamos, portanto, com Hodder, quando ele dirá que entender o contexto é fundamental para compreendermos a sociedade estudada e sua cultura material e, o quanto possível, sua cultura imaterial:

O contexto de um objeto arqueológico [...] é constituído por todas aquelas associações que são relevantes para o significado. Esta totalidade não é, com certeza, fixa de modo algum, já que o significado de um objeto depende do que está sendo comparado com, por quem, com qual propósito e assim por diante. Há, então, uma relação entre a totalidade e a questão da relevância. A definição da totalidade depende da perspectiva, do interesse e do conhecimento. Além disso, há uma relação dinâmica entre o objeto e seu contexto. Ao colocar um objeto num contexto, o contexto, ele mesmo é modificado. Há, portanto, uma relação dialética entre objeto e contexto, entre texto e contexto. O contexto tanto dá sentido a um objeto, quanto ganha sentido dele (HODDER, 1992, p. 14-15 *Apud* RIBEIRO, 2007, p. 100).

A arqueóloga Daniela Klokler, se baseando em metodologias aplicadas no exterior, elabora duas sessões de atividades desenvolvidas a partir da morte de um indivíduo, denominadas “Atividades iniciais” ou “imediatas”, que englobam comportamentos que se seguem à morte em um curto espaço de tempo; e “Atividades sequentes”, que são aquelas que ocorrem após determinado período, variando de meses até anos depois da morte (KLOKLER, 2009, p.112).

Atividades iniciais ou imediatas:	Atividades sequentes:
<p>Processamento do corpo (lavar, adornar, embrulhar);</p> <p>Luto;</p> <p>Deposição do corpo;</p> <p>Reunião de familiares e pessoas associadas;</p> <p>Festins.</p>	<p>Processamento do corpo (modificação, transporte e remoção de vestígios do corpo);</p> <p>Funerais secundários;</p> <p>Reunião de familiares e pessoas associadas;</p> <p>Festins;</p> <p>Construção de monumentos funerários.</p>

Tabela 05 - Sequências de atividades desenvolvidas a partir da morte do indivíduo.

O processo funerário sambaqui se dava, basicamente e grosso modo, da seguinte forma: a área de enterramento – algum local do topo do sambaqui, onde já houve outros enterramentos -, após escolhida, era preenchida por uma camada – espessa, mas não muito profunda – de conchas. Sobre o defunto, Klokler dirá que:

O corpo do morto era então preparado, adornado e depositado no local escolhido. Cabe destacar que ao invés de covas escavadas, os indivíduos eram depositados preferencialmente em decúbito lateral fletido em depressões muito rasas. (KLOKLER, 2012, p. 92)

Gaspar assinala a presença de áreas especiais do sítio JAB-II, que foram criteriosamente estabelecidas como locais para os mortos, que se apresentam de forma

agrupada (GASPAR, 2000, p. 68). As covas eram pequenas e ovaladas, não tendo mais de 70 cm de comprimento e 40 cm de profundidade. Além disso, a arqueóloga ressalta que, em geral, os corpos eram dispostos em posição fetal, tendo sido atados por algum tipo de fardo, com, a intenção de manter o corpo totalmente fletido (GASPAR, 2000, p. 68). André Prous destaca em estudo sobre os sepultamentos sambaqui, a orientação dos crânios: voltados na maior parte das vezes para Leste, Nordeste, Norte e Noroeste, evitando, de toda forma, os 180° para oeste e sul (PROUS, 1992, p. 217). A posição dos corpos, segundo o mesmo autor, geralmente é variada em três posições:

A posição do corpo mostra poucas variações, sendo mais comuns a posição fetal ou fletida (os quatro membros dobrados); a posição semifletida, com a parte superior do corpo deitada, geralmente em decúbito dorsal, e as pernas um pouco fletidas; por fim, o corpo inteiramente deitado, com os braços geralmente estendidos. No primeiro caso, os corpos podem ser exageradamente dobrados [...] e levanta-se a possibilidade de terem sido amarrados. (PROUS, 1992, p. 218)

Os cuidados com os corpos a serem sepultados, tanto na orientação dos crânios quanto na permanência de suas posições, são indicativos de intencionalidade e formalização por parte do grupo frente à ação realizada. Certamente deveria haver um por que para esse comportamento, e essa razão deveria tornar essencial que esta prática se mantivesse por gerações. Alguns corpos, dirá Gaspar, estão tão dobrados que há a suspeita de haver um processo de descarnamento do corpo, mantendo os ligamentos para garantir a permanência de articulações em posição anatômica (GASPAR, 2000, p. 68). Já no que se refere a gênero, há um equilíbrio entre os sexos e a faixa etária. Não aparenta, segundo Prous, ter existido discriminação sexual ou etária na prática funerária dos sambaquieiros. Embora haja diferenças no tratamento de alguns indivíduos em seus sepultamentos, essas exclusividades não se restringiam a algum tipo de caráter etário ou de sexo⁹ (PROUS, 1992, p. 217) (GASPAR, 2000, p. 70).

O corpo, já em seu local definitivo, é acompanhado por aparatos como colares, pulseiras, flechas e lanças, instrumentos parecidos com flautas feitas de osso, assim

⁹ Mais informações sobre questões de caráter etário e de gênero no contexto funerário sambaqui nas pesquisas de campo, ver o trabalho de GASPAR *et al* (2011), referenciado na bibliografia desse trabalho.

como peixes e, em casos mais raros, partes de alguma ave ou mamífero¹⁰. Grandes fogueiras eram acesas ao redor do sambaqui e nelas eram assados ou defumados os alimentos que seriam utilizados no festim onde, segundo mostram estudos recentes, participavam um grande número de pessoas (KLOKLER, 2012). Após a celebração, reuniam-se os refugos do festim. No local onde se encontra o defunto, se posicionam estacas ao seu redor e faziam uma camada de pouca profundidade de moluscos e conchas, cobrindo o corpo e garantindo a melhor fixação das estacas. Sobre ele era acesa uma fogueira de pequena dimensão, onde eram queimados os refugos.

A organização e o preparo desses ritos funerários eram feitos em grupo e demandavam um período de média duração. Segundo Klokler:

Tal planejamento deveria incluir a coordenação de atividades para obtenção dos recursos básicos para o festim como pesca, coleta de moluscos e madeira, a preparação do morto, o aviso a membros mais distantes do grupo sobre as homenagens mortuárias, além de outras ações necessárias para a realização dos eventos. (KLOKLER, 2012, p. 92)

Pensado de forma estrutural, em etapas delineadas e realçando as características rituais de cada elemento, podemos sistematizá-lo da seguinte forma:

2.3.1 - Adornos:

O mistério em torno dos significados agregados aos objetos colocados junto ao morto origina muitas hipóteses sobre a presença da indumentária: se ela teria sido utilizada pelo morto em vida ou se ela foi constituída especialmente para o funeral. Um maior número de colares e pulseiras em um defunto frente a ausência destes utensílios em outro que fora enterrado no mesmo momento; a pouca presença de zoólitos nos

¹⁰ O uso de aves e mamíferos deveria possuir algum significado simbólico. Não foi possível determinar, ainda, a associação entre as determinadas partes dos animais com os indivíduos, embora alguns deles fossem mais contemplados com maior quantidade e variedade de animais quando comparados a outros do mesmo sambaqui. Sabe-se, no entanto, que os animais foram caçados especialmente para os eventos funerários (KLOKLER, 2012, p. 95).

sepultamentos de um determinado sambaqui; partes de animais terrestres em alguns funerais. Segundo Gaspar, vários objetos pessoais acompanhavam o morto:

Esculturas, colares feitos com pequenas contas de conchas de moluscos, pontas de osso, lâminas de machado, dentes de porco-domato, entre outros. Certamente, objetos que não se preservaram também integravam a parafernália ritual. (GASPAR, 2000, p. 69)

Na opinião de Ribeiro:

No contexto funerário, os objetos possuem um sentido e são consumidos pelos frequentadores do funeral, de maneira momentânea, mas plenamente capazes de fornecer dados e significados a ser compreendidos e, portanto, consumidos, naquele exato momento. (RIBEIRO, 2007, p. 81)

Os zoólitos apresentam, aqui, um forte apelo simbólico. A maior parte dos zoólitos representam animais marinhos, tais como tubarões, baleias, peixes e outros que, para alguns autores, são peças “fuertemente simbólicas, cargadas de un significado dificilmente alcanzable, fueron realmente elementos de comunicaci3n ritual” (LIMA e MAZZ, 1977, p. 43. *apud* CALIPPO, 2011, p. 26). Nesse ínterim, PROUS (1992, p. 221) reforçará a hipótese de que os zoólitos, cujos ventres possuem concavidades propícias para macerar plantas (alucinógenas?), poderiam possuir especial significado no sepultamento, visto que, em seus estudos, foi levantada a hipótese de que a figura do pássaro, tão bem representada em alguns zoólitos, pode estar ligada à viagem dos mortos.

2.3.2 - Festins:

Estudos realizados no JAB-II demonstram a presença de grandes quantidades de ossos de peixe em torno de sepultamentos (KLOKLER, 2014). Segundo a arqueóloga Daniela Klokler:

Algumas matrizes das áreas funerárias, caracterizadas por serem camadas com menor quantidade de conchas, com coloração mais escura e materiais compactados, as proporções de ossos de peixe em relação a outros materiais constituintes do sedimento aumentam

consideravelmente, indicando a deposição de vestígios do consumo de grandes refeições comunitárias. (KLOKLER, 2014, p. 126)

Análises concentradas em tais deposições apontam o festim como um evento cerimonial que possuía como principais finalidades sociais o equilíbrio espiritual, a solidariedade e a reciprocidade (KLOKLER, 2012). Para chegar a essa conclusão, lança-se mão de um relevante fator: o tipo de alimentação utilizado. Os festins possuem como principal – e muitas vezes único – alimento cuja característica principal é o fácil acesso. Peixes e moluscos que abundam na fauna local, e que certamente estavam presentes na alimentação diária, se encontravam também nos eventos cerimoniais. Esse ambiente propicia a integração e a cooperação no grupo, em detrimento de comportamentos competitivos comuns em outras comunidades indígenas. Não se exclui, no entanto, “a possibilidade de que os anfitriões adquirissem certo prestígio dentro do grupo pela organização de tais eventos e sua visibilidade, e os utilizassem para angariar informações ou reafirmar alianças” (KLOKLER, 2012, p. 96).

O alimento servido durante os banquetes não possui em rigor mais qualidade do que o consumido diariamente era apenas quantitativamente superior. Ressalta-se que para os festins praticados quando do processo funerário, o fator contextual de celebração tinha ponto significativo. Estudos realizados no sítio JAB-II, em Santa Catarina, apontam pra uma quantidade superior a uma tonelada (KLOKLER, 2012, p. 95). A utilização, por parte dos sambaquieiros, de alimentos abundantes nas faunas locais aos seus célebres processos funerários, possibilita interpretações sobre a visão de mundo por parte dessa sociedade. Uma delas é a possibilidade de caracterizar os povos sambaquieiros como um povo que não atribui à alimentação nenhum tipo de *status*. Não atribuem, também, a valorização espiritual de determinados alimentos ou objetos por questão de raridade ou difícil obtenção.

2.3.3 - Madeiras:

Estudos recentes, com abordagem sobre o uso de vegetais pelos sambaquieiros, comprovam a atenção dada por essa sociedade ao ritual funerário. Análises comprovaram uma relevante distinção na escolha dos materiais para combustão nas camadas de cobertura e nas camadas funerárias: enquanto na primeira é possível

encontrar resquícios de diversos tipos de madeira, dando a entender um sentido aleatório pela escolha destas, na camada funerária encontram-se espécies específicas de plantas, demonstrando um sinal claro de intencionalidade, podendo considerar estas parte do aparato funerário. Dirá um pesquisador desta área:

É de se esperar que todos os elementos que fazem parte do ritual funerário sejam cuidadosamente escolhidos, ao contrário do que ocorre com a lenha de uso doméstico. Os resultados obtidos a partir da análise da camada de cobertura do mesmo perfil do Jabuticabeira-II, inclusive, corroboram esta afirmação, na medida em que nenhum indício claro de seleção pode ser percebido neste contexto. (BIANCHINI, 2011, p. 63)

A escolha das lenhas é proposital desde a escolha da lenha para alimentar os fogões rituais, como também para a constituição das estacas utilizadas no aparato funerário. As estacas eram posicionadas em forma oval em volta do local onde o corpo fora sepultado. Pesquisas recentes realizada no sítio JAB-II comprovam que a madeira da qual eram realizadas as estacas era da árvore popularmente conhecida como canela¹¹. Ao contrário das lenhas para queimar nas fogueiras, a escolha por este gênero de árvore pode ter sido dada por duas propriedades significativas para o contexto funerário: resistência e aroma. A madeira da canela se destaca por sua durabilidade diante de outras árvores da flora local; as evidências arqueológicas indicam uma grande proximidade entre as estacas e as fogueiras, de modo que elas estavam sujeitas à ação do calor, o que provocaria a volatilização de óleos essenciais (BIANCHINI *et al*, 2007, p. 227). A ideia de duração ressalta o objetivo de demarcar por um longo tempo o local da sepultura, surgindo hipóteses de haver, na cultura sambaqui, a prática de oferendas. Já o fator aromático, profundamente ligado ao caráter ritualístico em diversas culturas, se torna novamente presente na cultura sambaqui.

¹¹ Planta do gênero *Ocotea*, da família *Lauraceae* (BIANCHINI, *et al*, 2007).



Figura 03 - “Buracos de estaca em aproximação horizontal podem ser identificados por áreas circulares com sedimento menos compactado. As áreas funerárias do sambaqui da Jabuticabeira II são repletas de marcas de estacas.” In GASPAR, Madu.; SOUZA, Sheila Mendonça (orgs). Guia Ilustrado das Abordagens Estratégicas em Sambaquis. Erechim: Habilis, 2013, p. 110. (Foto: Maria Dulce Gaspar).

3.3.4 - Fogos:

Em cada ritual eram utilizados dois tipos principais de fogueiras, aqui denominados “Fogo cerimonial” e “Fogo ritual”: a primeira se trata de fogueiras de grande porte com o fim de assar e/ou defumar os alimentos a serem consumidos nos festins; e as de pequeno porte, acesas no local onde o defunto foi enterrado, com o objetivo de queimar os refugos das celebrações e, ao mesmo tempo, chamuscar as estacas com propriedades aromáticas. Estudos realizados em carvões encontrados em sambaquis do Rio de Janeiro comprovam que a lenha utilizada nas fogueiras era colhida de modo aleatório, provavelmente galhos e folhas secas, colhidas próximas ao sambaqui (SCHEEL-YBERT, 2000, p. 30).

Função	Fogo cerimonial	Fogo ritual
Dimensão	Grande porte	Pequeno porte
Objetivo(s)	Preparo dos alimentos a serem ingeridos no festim.	- Queima dos refugos do festim; - Desencadear o óleo essencial das estacas.
Local	- Ao redor do sambaqui; - Nos sambaquis vizinhos.	Sobre o local onde o defunto fora enterrado.
Período de uso	Durante o preparo das celebrações.	- Acesa no dia da celebração e mantida acesa por determinado período; - Acendimentos periódicos futuros.
Significado prático	Ferramenta de preparo para as celebrações.	- Ferramenta que agrega valor ritualístico ao festim; - Liberação de essências específicas; - Possível ligação espiritual envolto à fumaça e/ou decomposição.

Tabela 06 - Representação dos usos do fogo e seus possíveis significados no rito funerário sambaqui.

Quanto à utilização do refugio do festim e a utilização dos alimentos, alguns autores ressaltarão a interpretação de Lévi-Strauss, que confere à parte não digerível dos alimentos um grau especial de interpretação simbólica e lembra que esses elementos – conchas, ossos, dentes – constituem as camadas formadoras dos sambaquis. [...] Essas duas categorias, casa e comida, estão entre os mais poderosos símbolos de qualquer sistema cultural. A adição de enterramentos dedica aos sambaquis uma terceira

poderosa associação sagrada. Para o antropólogo, membros de sociedades não-estratificadas são conduzidos pelo impulso de classificar, exaustivamente, os elementos do ambiente explorado para garantir a sua sobrevivência, o que fornece a cada elemento um lugar em sua cosmologia. Nessa linha, Tenório sugerirá que muitos grupos caçadores coletores estariam conectados com o reino sagrado em seu ambiente explorado. Segundo uma abordagem estruturalista, os amontoados de conchas deveriam ter significado simbólico envolvido por ampla cosmologia; o conteúdo simbólico desse centro doméstico, com certeza, estaria imbuído pelo lado sagrado do alimento (LUBY e GRUBER, 1999, p. 102 *In* CALIPPO, 2011, p. 19).

Os sambaquis servem de local para ritos funerários e abrigo para os mortos, tendo, enquanto monumento simbólico, conexão direta com a cosmogonia do grupo. Segundo Souza, sua experiência de campo está mostrando que:

[...] nos sambaquis, mais do que em tantos outros sítios pré-históricos brasileiros, a arquitetura e o uso do sítio, assim como seu significado, estão relacionados diretamente às estruturas funerárias. Os corpos e seus contextos testemunham não apenas os seus construtores, mas os processos de construção e utilização do local, aspectos simbólicos e ritos, passagem e a permanência. (SOUZA, 2013, p. 148)

Todo o contexto do sepultamento realizado pelos sambaquieiros denota organização e ordenação estrutural. Há estilo, forma e intento, por parte do grupo, de conservar não só o local onde se encontra o morto, como também o modo de se enterrar um membro de seu grupo. Datações que apontam a repetição dessa prática por cerca de 3000 anos confirmam a prática mortuária como um rito.

Segundo os dados levantados, haveria só um caráter da Antropologia a ser atingido: a percepção de que essa prática é diferente do cotidiano. Para tal, talvez seja necessário interpretar de outra forma o que é, a rigor, um ritual. Embora arqueólogos e antropólogos considerem tantas características de maneiras similares, possuem divergências no que se refere às práticas cotidianas e suas capacidades de serem considerados atos ritualísticos. Nesse sentido, o ritual pode ser compreendido como

“parte integrante e indissociável do cotidiano, especialmente no que diz respeito às populações sambaquieiras, onde claramente tem-se um contínuo entre atividades cotidianas e sagradas” (GASPAR, 1995 *In* KLOKLER, 2013, p. 110).

A morte era um evento central na vida dos sambaquieiros, e muitos estudos apontam como sendo o possível norteador de suas vidas (GASPAR, 2007, p. 171). Ainda, sabendo que o cuidado com o morto tem profunda importância nessa sociedade, a permanência ou a mudança da estrutura desse rito podem apresentar grande significado. Visto que, durante mil anos, os sambaquieiros do JAB-II e região trataram de manter imutável a forma de enterrar seus mortos, qualquer modificação deve ser vista com redobrada atenção. O estudo dessa atividade funerária sobressai como uma das áreas mais estudadas pelos arqueólogos à procura de evidências de desigualdades sociais e de *status*. Segundo Gaspar:

Os bens encontrados nas covas e o tratamento dos corpos têm sido considerados reflexo do papel do morto na sociedade [...] Apesar de não haver uma correlação direta entre o tratamento dado ao morto e o seu prestígio em vida, podem ser identificados dois tipos de status: o obtido durante o desenrolar da vida, pertinente às categorias de sexo e de idade que está associado às sociedades igualitárias; e o atribuído, que pode ser herdado e relaciona-se a sociedades mais complexas. (GASPAR, 2000, p. 76)

Através dessa análise, problematizam-se os sepultamentos de crianças com mais bens que os sepultamentos de alguns adultos. Ao mesmo tempo, permanece em aberto relações de gênero dentro da sociedade sambaquieira, visto o caráter semelhante de sepultamento entre homens e mulheres. No entanto, o tratamento especial dado a alguns jovens podem evidenciar algum modelo de *status* herdado, sugerindo algum tipo ritualizado de diferenciação social (GASPAR, 2000, p. 77). O tema tem potencial para esclarecer muitas características dessa sociedade e, mesmo que tenha sido muito estudado, ainda há muito a ser explorado.

Os dados obtidos pela observação desses restos de vegetais, conhecida como análise antracológica, sugerem um sentido de intenso ordenamento ritual. Desde aspectos como a coleta de lenha aleatória e específica, para a formação da camada de cobertura e a elaboração da camada funerária, até a escolha de determinadas frutas e

alimentos para os festins, demonstram o importante papel que possui cada etapa do ritual em sua execução. Conchas, ossos de peixes, utensílios no corpo, lenhas, fogueiras, todas possuem objetivos ímpares na cerimônia, mas aparentemente dependentes uns dos outros para o sucesso do ritual.

2.3.5 – Líticos

Artefatos de pedra são encontrados no aparato funerário, com algumas ressalvas. Enquanto pilões, machados e outros instrumentos líticos são encontrados junto aos sepultamentos, os zoólitos acabam por tomar o protagonismo. Tendo sido encontrados pouco mais de 240 destas peças em quase quarenta sítios, desde o sul de São Paulo até o Uruguai, as esculturas zoomorfas, ou seja, os zoólitos (ressaltemos algumas exceções feitas de ossos) foram fonte de importante reflexão sobre sua população, denunciando, também, o olhar dos pesquisadores de determinadas épocas sobre as sociedades pré-históricas:

Peças mais famosas dos sambaquis [zoólitos], sendo divulgadas desde o século XIX pelos primeiros arqueólogos que se recusavam a acreditar que os indígenas brasileiros, tão ‘atrasados’ e selvagens, pudessem ser os autores de obras esteticamente tão impressionantes. Até os anos 30 procurou-se uma origem andina para essas realizações. (PROUS, 1992, p. 233)

No ventre dos animais representados, são encontrados pequenas cavidades que não ultrapassam 2 cm, que muitos pesquisadores creem ter um valor simbólico e, possivelmente, utilitário, já que diversas hipóteses surgem referente a maceração de pequenas ervas alucinógenas para fins rituais (PROUS, 1992, p. 233). Acreditamos, também, na possibilidade dos zoólitos serem enterrados junto a líderes religiosos, como xamãs e pajés, por este ser um dos artefatos que demandam mais tempo para serem produzidos e, conseqüentemente, ser o objeto e o animal que nele está representado o símbolo de identidade do indivíduo que tem por objetivo servir de ponte entre o terreno e o espiritual.



Figura 04 – Zoólitos em forma de ave encontrados em Santa Catarina. Acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro.¹²

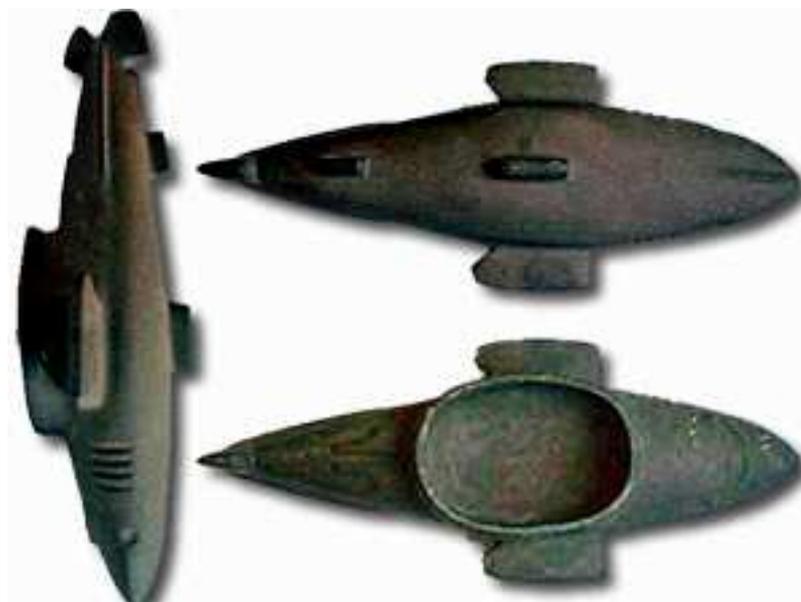


Figura 05 – Zoólito em forma de tubarão encontrado no sul do Rio Grande do Sul, próximo ao Uruguai. Acervo da Revista do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL).¹³

A estrutura da prática mortuária sambaqui é, entre outros ritos, a que agrega maior valor de identidade social e espiritual – e por isso a mais íntima das atividades

¹² Disponível em <http://www.museunacional.ufrj.br/exposicoes/arqueologia/zoolitos-em-forma-de-ave> . Acessado em 15/10/2014.

¹³ Imagem disponível em <http://pueblosoriginarios.com/sur/pampa/cerritos/imagenes/zoolito.jpg>. Acessado em 15/10/2014.

sambaqueiras. O caráter permanente desse ritual se torna, para o pesquisador que busca entender a cosmogonia dos sambaqueiros, a “pegada” mais profunda deixada pelo grupo.

Capítulo III – Jabuticabeira-II: Um cemitério monumental

3.1. Espaço funerário: memória e identidade

Dentro dos estudos multidisciplinares há uma hipótese praticamente aceita no campo arqueológico: a possibilidade dos sambaquis monumentais terem tido, entre outros objetivos, a função de demarcador territorial (GASPAR, 2000) (FISH, 2000) (LIMA, 2000) (DEBLASIS, 2007) (KLOKLER, 2014). Ora, se essa afirmação estiver correta, as possibilidades dos monumentos serem um marcador de identidade, de representação cultural e de espaço de memória, só tendem a se expandir. Pois, não só os grupos, mas também seus espaços funerários estariam enraizados no território onde estão presentes, abrangendo a região e ligando a população ao local. Esse processo de evidente sedentarização não apenas tornava a natureza local – com ênfase a disposição de água e alimentos - como pertencente a um grupo cultural específico, como também ligava este de forma única e sagrada à região. O território, enfim, fazia parte da identidade do grupo, principalmente no que se refere ao olhar do Outro, ou seja, de grupos externos à “cultura local”.

Para enfatizar essa interpretação, devemos analisar a potencialidade do JAB-II como elemento de comunicação dessa cultura local e isso só é obtido atendendo duas exigências:

- 1) a análise da dimensão espacial, temporal e utilitária da estrutura;
- 2) a análise da localização territorial da estrutura no meio social a que ela pertence e sua influência sobre esse meio.

Estudos realizados nas últimas décadas indicam que os sambaquis monumentais foram construídos pelos sambaquieiros com o intento de, entre outros objetivos, dar a determinados territórios e suas potencialidades de subsistência uma conexão histórica e visível com os grupos que ali habitavam. Agregando a esses territórios o fator de “posse”, eles criam vínculos de pertencimento com a região. Conforme dirá Gaspar:

O sambaqui é um elemento obstrutivo da paisagem, em virtude do seu tamanho e configuração, e essa qualidade informa sobre a mensagem que os seus construtores queriam perpetuar. Os sucessivos eventos, diretamente relacionados com o processo de crescimento do sítio, informavam para os que compartilhavam o mesmo código cultural que aquele era o domínio dos sambaquieiros. (GASPAR, 2000, p. 70)

Se os rituais funerários são os responsáveis pela constituição de todo o processo construtivo que torna o sítio JAB-II como uma estrutura monumental, são os mortos presentes no sambaqui que poderiam dar ao grupo a garantia de apropriação do território: é possível que, dentro da cultura sambaquieira, o caráter de ancestralidade estivesse entre as mais intensas formas de identidade e *status*. DeBlasis detalha com excelência a ideia do sambaqui como o meio pelo qual o grupo se vincula ao território e o ressignifica, se apropriando através da ideia de legado:

A paisagem é intensamente ritualizada, pois em toda a parte estas atividades cotidianas têm lugar à sombra dos monumentos altaneiros, assegurando aos habitantes locais seu direito ancestral à lagoa e à vida. A partir desta perspectiva pode-se considerar que os sambaquis *conferem ordem e sentido cultural ao mundo natural*, na forma de uma ligação intensa (atávica) com um determinado território, e explicitam a socialização da natureza de forma expressiva e contundente. Mais que isso, ao integrar a socialização do mundo a ancestrais cujos antepassados míticos estão ligados ao mundo natural e sobrenatural, os sambaquis eventualmente representam evidências de um processo de *transformação do fato natural em artefato cultural*. (DEBLASIS et al, 2007, p. 54. [Grifos do autor])

O elemento de comunicação entre o grupo e sua cultura, assim como com outros grupos se dava, portanto, pela visibilidade da estrutura funerária. O projeto *Sambaquis e Paisagem*, em seu caráter estritamente regional, realizou em uma região conhecida como Lagoa de Santa Marta, em Santa Catarina, um estudo do possível processo geomorfológico evolutivo da região, seguindo as datações realizadas nos sambaquis presentes no território. Dentro dessa proposta, foram realizados cálculos que se utilizaram do caráter visual das estruturas monumentais, a fim de encontrar uma espécie de repartição territorial com base na modificação da paisagem realizada pelos sambaquis. O projeto mostrou o caráter central que a lagoa mostrou ter para os sambaquieiros, evidenciando a importância desta para a sobrevivência e manutenção dos grupos na região (DEBLASIS *et al*, 2007, p. 46-50). Ressalta, também, o caráter

marítimo que esse grupo possuía, mostrando conhecimento e domínio das ações cotidianas de pesca e coleta de subsistência provinda do ambiente marítimo.

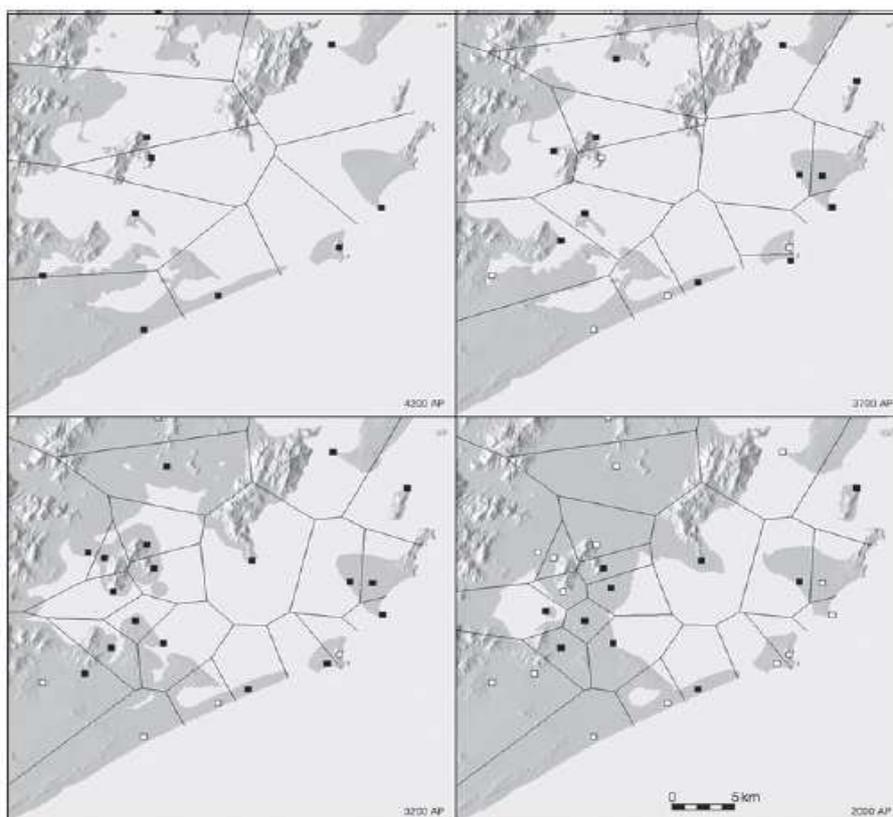


Figura 06 - As atuais pesquisas buscam evidenciar a demarcação territorial realizada pelos sambaquieiros com base em seus montes conchíferos. Essa imagem (DE BLASIS et al, 2007, p. 47) representa recortes da evolução da paleolaguna de Santa Marta (Santa Catarina), onde os pontos negros representam os sambaquis de grande dimensão e os polígonos como possíveis repartições territoriais presentes na área para cada recorte/periódodo citado na canto inferior direito de cada quadro.

Poderíamos supor que a dimensão do sítio estava intrinsecamente ligada à intensidade do pertencimento ancestral da região. Como poderosos indicadores de territorialidade, Klokler dirá que os grupos reafirmavam um “acesso privilegiado a recursos locais, e particularmente os enterramentos reforçavam o caráter ancestral do território” (KLOKLER, 2014, p. 128).

Nesse sentido, tão importante quanto a permanência das estruturas funerárias, seria a manutenção dos ritos por parte dos habitantes que, levando seus mortos ao local, davam vida ao seu caráter sagrado. Como já foi dito, o sítio JAB-II foi utilizado ininterruptamente por mais de mil anos. Seu uso contínuo denota o aspecto sedentário

da ocupação e confirma a tese da fixação do grupo na região. Embora se saiba do caráter de grande renovação e abundância dos bens de subsistência no território, não pode ser ignorada a conexão sagrada construída pelos sambaquieiros ao local no decorrer dos anos. Sobre esse ponto, Klokler dirá que os monumentos eram, em muitos âmbitos da vida social, elementos de identificação:

Os sambaquis, encarados como marcos espaciais, serviriam como elemento ideológico para identificação do grupo, ao considerarmos como característica da cultura sambaquieira a construção de amontoados de conchas. [...] Estes montes conferem visibilidade ao assentamento além de poder configurar um símbolo de continuidade e perpetuação do grupo ao pensarmos nos próprios sítios como monumentos que sobressaem não só no espaço como também no tempo, resistindo anos e anos à força de intempéries e ações antrópicas diversas. (KLOKLER, 2014, p. 131)

Embora as hipóteses referentes à quais pensamentos tivessem os sambaquieiros sobre a morte não sejam discutidas nesse trabalho, os propósitos de algumas práticas realizadas no processo funerário podem sugerir o desejo, do grupo que enterrava um dos seus, de que membros de grupos vizinhos presenciassem e participassem como testemunhas da construção da identidade de seu grupo com o sambaqui e com o espaço onde ele está consolidado. No campo religioso, de forma atemporal, o sociólogo Maurice Halbwachs dirá que locais sagrados, como templos e cemitérios, possuem para seus crentes um estado de espírito onde, com outros crentes, reconstituirá um pensamento e lembranças comuns, “as mesmas que se formaram e foram sustentadas em épocas anteriores, nesse mesmo lugar” (HALBWACHS, 2006, p. 183). Logo, as práticas rituais realizadas pelos sambaquieiros nessa estrutura, além de aumentar seu caráter de demarcador territorial, podem ser considerados um gesto não só de repetição, mas de reafirmação de sua memória e identidade. Klokler levantará as evidências dos pequenos banquetes realizados no “final de algum período de luto ou episódios posteriores de memorialização dos mortos” (KLOKLER, 2012, p. 95) para reforçar essa hipótese. Além da dimensão física do monumento na modificação da paisagem, até mesmo algumas das ações funerárias poderiam servir de notificação a outros grupos da presença da cultura local sendo praticada: “a acumulação do refugo dos festins

funerários garante a visibilidade do festejo mesmo após seu fim, proporcionando a possibilidade de memorialização” (KLOKLER, 2014, p. 130).

Para manter praticamente intacta uma coesão social, é necessário que os pilares que tangem a vida cotidiana sejam perpetuados e inviolados. A manutenção dos rituais funerários no sítio JAB-II possivelmente se deu pela centralização de uma série de funções-chave para a estabilidade social. Segundo Halbwachs, alguns espaços podem se tornar norteadores na identificação de um grupo com sua própria cultura através do processo de memorialização:

Os lugares participam da estabilidade das coisas materiais e é fixando-se neles, encerrando-se em seus limites e sujeitando nossa atitude à sua disposição que o pensamento coletivo do grupo dos crentes tem maior oportunidade de se imobilizar e durar. Esta é realmente a condição da memória. (HALBWACHS, 2006, p. 187)

Quando relembremos o emprego milenar e ininterrupto do JAB-II como espaço de memória e, após isso, adequarmos ao fator de demarcação territorial, podemos imaginar a profunda relação dos grupos sambaqueiros com sua região. Relação que, para ser mantida, deve se manter também a prática ritual. Esta, para ser considerada tão intensa e verdadeira quanto às praticadas pelos antepassados, deve ser tratada de forma imutável. Logo, podemos considerar a sedentarização através da conexão ao território como um grande auxiliar no processo de imutabilidade ritual da sociedade. Halbwachs dirá que a memória coletiva, baseada no espaço vivido e na paisagem convivida por gerações, tende a resistir às mudanças para manter sua cultura local (HALBWACHS, 2006, p. 157-159). Baseados na ideia de Halbwachs sobre memória coletiva e espaço, acreditamos que os sambaqueiros, vivendo durante muito tempo em um único local, reforçaram seus laços com este ao construírem seus monumentos e, conseqüentemente, se afastaram das possibilidades de enlaçamento com qualquer outra região. Entre a ideia de uma constituição de memória coletiva com a formação de uma identidade social, há uma quantidade tal de conexões que tornam ambas as formulações indiscerníveis. Dirá Michael Pollak:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória

herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (POLLAK, 1992, p. 05)

O autor concluirá seus apontamentos dizendo que a memória, enquanto elemento constituído por sentimentos ligados ao caráter de identidade (individual e coletiva) é capaz de reconstruir uma forma de vida e de pensar a vida (POLLAK, 1992, p. 05). Em suma, a construção dos espaços de memória são elos fundamentais entre a sociedade e seu passado, sendo responsáveis, entre outros motivos, por manter a identidade e a razão de ser do grupo. Logo, a adaptação do grupo à região não mudaria apenas a concepção de movimento do grupo, mesmo que este já possuía há muito um caráter sedentário, mas também suas pretensões e pensamentos, individuais e coletivos.

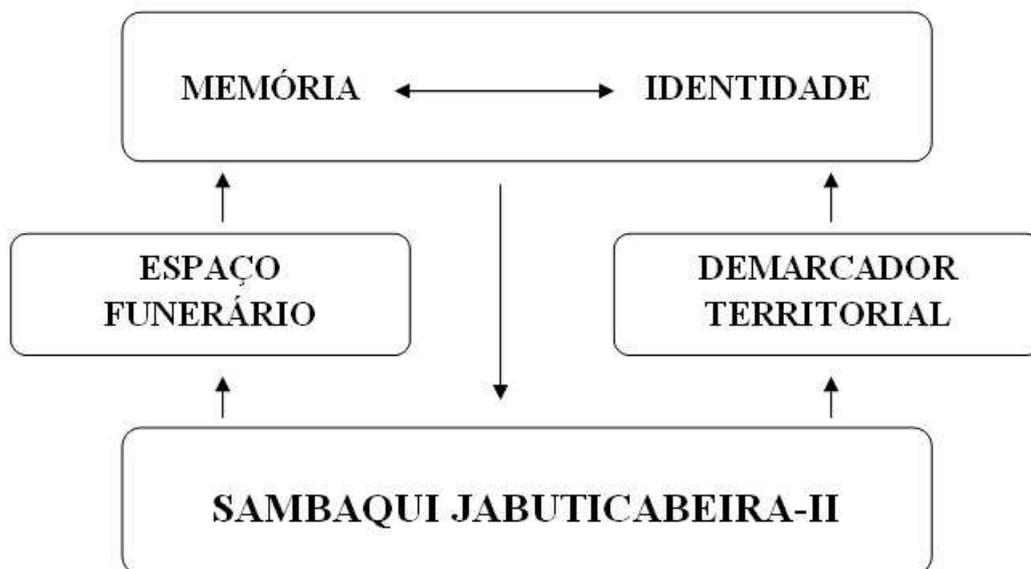


Tabela 07 - O monumento, enquanto demarcador territorial frente a outros grupos, assim como espaço para práticas de rituais perpetuadores de memória, torna-se a feição concreta da identidade cultural do povo que dele usufrui e se vê representado.

O sambaqui JAB-II se consagra como o monumento responsável por ser um espaço de manutenção da memória e revitalização da identidade social do grupo sambaquieiro da região. Entre seus membros e frente a outros grupos, os sambaquieiros ocupantes do território tinham renovado a posse da cultura local e beneficiados dos meios naturais da região através dos rituais. Possivelmente fora por agregar tamanhas funções que o sambaqui JAB-II pode ter sido ininterruptamente palco de rituais. A

manutenção da estabilidade social desse cotidiano, realizadas nos espaços dos monumentos, também realizava a manutenção da memória dos grupos que os construíram e utilizaram como forma de perpetuar sua presença na região. Afinal, para inúmeras sociedades, tal qual a ideia de posse concretizada em sambaquis sobre o território, a junção entre o âmbito terreno e o sagrado poderia ser concretizada num espaço específico, desde que este fosse alimentado com suas crenças, através de rituais passados de geração em geração através da memória coletiva (CASTRO, 2009, p. 57).

Dirá Castro:

As atividades relacionadas à prática funerária têm seu espaço definido. São espaços especiais e sagrados. Os espaços religiosos sobrevivem, pois os grupos escolhem esses locais e os mantêm de acordo com suas lembranças e seus rituais. Assim, a manutenção da atividade ritual está relacionada à existência e à manutenção do lugar. (CASTRO, 2009, p. 59)

Portanto, acreditamos ter exposto a dimensão não só física, mas também em grau de importância do sambaqui JAB-II para os grupos que através dele se viam representados, e o quanto estes não podem ser ignorados ao se pensar sobre a cultura sambaqueira. Michael Pollak reforçará o apontamento feito por Castro ao dizer que:

Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido. (POLLAK, 1992, p. 3)

Acreditamos ter evidenciado, também, através das intersecções de estudos acerca dos espaços de memória, formação de identidade, e pesquisas de campo em sambaquis, o forte apelo e a intensa influência que estes monumentos têm sobre a sociedade: na maneira de pensar sua sociedade e, no caso, também seu território. Os sambaquis, tais quais os megalíticos europeus – considerados paisagens ritualizadas, espaços cerimoniais e sagrados -, poderiam ser considerados ápices da cosmogonia da cultura sambaqueira, cuja presença do sagrado estava intimamente ligada ao território e seu valor identitário, alcançando vários contextos de seu cotidiano: desde a subsistência até a morte.

3.2 - O sítio Jabuticabeira-II visto como um monumento

Parte da referência dada aos sambaquis provém de seus volumes. Os sítios com maiores dimensões, beirando os 30 metros de altura, são denominados pelos pesquisadores como “monumentais”. A denominação “monumento”, no caso do JAB-II, é dada de forma oportuna. Segundo o historiador Jacques Le Goff, desde a Antiguidade romana o sentido de *monumentum* tende a possuir, basicamente, dois significados:

- 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc;
- 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte. (LE GOFF, 1990, p. 535)

Na arqueologia brasileira, a condição de monumento é alçada a sítios de grande dimensão e/ou de relevante potencial em informações sobre quem os construiu – número significativo em diversidade e quantidade de cultura material. No entanto, para além desse significado, a condição de monumento do JAB-II pode caminhar, também, à segunda direção apontada pelo historiador. Pois, conforme apresentado em artigo no ano de 2007, o projeto *Sambaquis e Paisagem* diagnosticou a construção do sítio JAB-II com um processo ligado exclusivamente às atividades relacionadas a rituais funerários (FISH *et al*, 2000) (DEBLASIS, 2007, p. 33). Logo, para além de suas dimensões, o caráter exclusivamente funerário do JAB-II possui o poder de perpetuar as características da sociedade fundadora que, voluntária ou involuntariamente, construiu um monumento ligado diretamente à permanência de sua memória. Nesse sentido, para reforçar o caráter do sítio JAB-II como monumento nos dois âmbitos da terminologia, buscaremos atender a três exigências construídas através das características mais comuns apontadas pelo historiador Jacques Le Goff (1990). São elas:

- 1) o sítio monumental como um espaço destinado à perpetuação da memória do(s) indivíduo(s) que nele foi resguardado;

- 2) o processo de construção tenha conexão direta com algum rito;
- 3) a manutenção de sua importância ao passar das gerações, através de atitudes equivalentes ou próximas às ações realizadas pelos antepassados que delegaram ao local/construção um caráter sagrado.

Segundo Paulo DeBlasis, um dos arqueólogos que mais pesquisaram os sambaquis do estado de Santa Catarina, a organização social sambaquieira vem se demonstrando cada vez mais complexa de acordo que as pesquisas vão se aprofundando. Como exemplo, ele apontará no JAB-II o compartilhamento de ideologias entre grupos sambaquieiros, com essas se dando, entre outros meios, através de cerimônias:

Certos grupos de caçadores/pescadores/coletores, seja por habitarem ambientes muito produtivos, seja por viverem em territórios circunscritos, ou mesmo por outras possíveis razões, desenvolveram uma série de características mais elaboradas de organização social, envolvendo articulação comunal em torno de estratégias/ideologias amplamente compartilhadas, incluindo construções públicas e/ou atividades cerimoniais. (DEBLASIS *et al*, 2007, p. 33)

Daniela Klokler, em recente publicação, ressalta em seus estudos o caráter funerário de alguns sambaquis de Santa Catarina, evidenciando a intensa natureza ritual de alguns sítios conchíferos frente a outros. Essa conclusão foi possível pelo grande contraste existente entre a presença de sepultamentos frente à escassez de evidências claras de atividade doméstica ou estruturas desconectadas do rito funerário (KLOKLER, 2014, p. 127). Se considerarmos que um grupo constrói um monumento público voltado à atividade cerimonial para materializar sua crença através de práticas rituais, o sítio JAB-II é uma construção realizada *através* de atividades cerimoniais. A constituição desse sambaqui se deu num revezamento de camadas funerárias e, sobre essas, camadas de cobertura, denotando um caráter específico e de repetição. Afirmará DeBlasis:

Definitivamente, não parece se tratar de sítios onde se realizam *atividades cotidianas* (aqui entendidas como a produção das atividades normalmente relacionadas à manutenção e reprodução física e econômica do grupo social: pescar, coletar, caçar, tecer, fabricar utensílios, etc); ao contrário, as evidências disponíveis

apontam, claramente, para um cenário onde ocorrem essencialmente atividades rituais relacionadas ao culto aos mortos, aos ancestrais. (DEBLASIS, 2007, p. 49 [Grifo do autor])

Logo, a construção baseada em práticas mortuárias do JAB-II o transformaria num espaço social e sagrado, onde toda atitude possui uma finalidade ritual de perpetuação da memória, da consideração do espaço como uma representação viva de seus antepassados. Ainda, com a finalidade ritual sendo uma ação de caráter social dos vivos entre os mortos e para os mortos, esta também seria uma forma elementar de diálogo do grupo consigo e com o sagrado. Concordamos com Viviane Maria Cavalcanti de Castro - arqueóloga que pesquisou as relações identitárias em contextos funerários de alguns sítios do nordeste brasileiro¹⁴ – quando ela afirma que o processamento cuidadoso de cada etapa da prática funerária é uma forma de comunicação através de uma ação baseada na memória:

Ao preparar o corpo de uma determinada maneira, ao escolher o local do enterramento, ao definir a forma da sepultura, ao colocar ou não objetos junto ao morto, o grupo está comunicando suas escolhas, suas preferências. Está transmitindo uma parte de sua memória, por meio do ente falecido. Assim, as estruturas funerárias, que são os vestígios do ritual realizado, se transformam em elementos de comunicação. (CASTRO, 2009, p. 148)

No sentido exposto por Castro, os elementos de comunicação se direcionam à estrutura funerária, sendo esta fortalecida de significado pela sociedade. Um monumento, assim, tanto é apropriado pelos grupos que o frequentam e o utilizam quanto é visualmente reconhecido como representação da cultura desses grupos.

Com base nas pesquisas realizadas em campo e nos conceitos aplicados em estudos sobre contextos funerários como marcadores de identidade social, o sítio JAB-II demonstrou ser, desde seu processo de construção, parte de um rito. Além de ser um espaço sagrado, perpetuador da memória individual e coletiva do grupo - representadas pelos mortos habitantes de sua estrutura -, as relações de sobrevivência e representação entre a estrutura e o grupo se vê mais complexa: não só o monumento dependia dos

¹⁴ Sobre o assunto, recomendamos a leitura dos dois primeiros capítulos da tese para a obtenção de doutorado em arqueologia da autora, referenciado na bibliografia desse trabalho.

grupos para perpetuar sua existência e crescer, como a identidade social dos grupos dependia do JAB-II para sobreviver e se perpetuar ao longo das gerações.

Conclusões

As pesquisas realizadas sobre os sítios sambaquis utilizados nesse trabalho, já vêm apontando para a importância da estrutura como um espaço sagrado e ritualizado. As últimas verificações que estão tratando o sítio Jabuticabeira-II como uma estrutura essencialmente funerária, nos dão muitas liberdades para a formulação de hipóteses acerca da importância do rito funerário para a sociedade sambaqueira. Realizamos sobre o assunto uma abordagem ainda pouco aplicada: a relação desses espaços como peças-chave na construção de uma cultura local sambaqueira, através da perpetuação da memória e da formação de uma identidade social.

A comprovação de que um dos maiores sambaquis do Brasil foi construído através de processos exclusivamente funerários, ou seja, através de práticas rituais realizadas por vários grupos locais, tornam o local onde ele se encontra um espaço sagrado e fundamental para a própria existência desses grupos. Ao tratar o sambaqui JAB-II como um monumento nos dois sentidos do termo exposto por Jacques Le Goff (1990), cruzando informações trazidas pelos trabalhos de campo com as metodologias trazidas pela antropologia, no que tange a espaços sagrados, redirecionou o foco das pesquisas: da relação dos grupos com o sambaqui, para a importância da existência do sambaqui na identidade cultural e coesão dos grupos sambaqueiros que habitavam a região.

As ideias de memória e identidade trazidas por intelectuais como Le Goff (1990), Pollak (1992) e Halbwachs (2006), quando aplicados sobre o espaço funerário sambaqui, demonstraram um segundo propósito sobre a construção do monumento JAB-II. Estes elementos, possíveis de serem vistos hoje, denotam o desenvolvimento da arqueologia enquanto ciência aplicada, evidenciando as mudanças tangentes não só na metodologia, mas nas formas de se teorizar o campo de estudo arqueológico. Pois, como foram discutidas no primeiro capítulo desse trabalho, as primeiras hipóteses geradas sobre os sambaquis foram elementos relacionados ao caráter ambiental e, posteriormente, ao de subsistência desses grupos. De nômades coletores de moluscos

até grandes redes de trocas entre grupos sedentários ao longo da costa, os sambaquieiros se tornam, aos olhos dos pesquisadores, cada vez mais enigmáticos conforme os estudos vão sendo mais aprofundados.

Aplicamos aqui um método de análise que permitiu conceber os sambaquieiros como pensadores de sua própria existência. Observando a maneira como constroem seus espaços rituais e mortuários, podemos ter um olhar mais observador em relação às maneiras como esses grupos observavam o espaço temporal – natural, inerente e inevitável. A forma como os sambaquieiros lidavam com a morte denotam suas preocupações com a representação do morto diante do grupo e, provavelmente, diante do sagrado. A complexa arquitetura do rito e do cemitério comprova a existência de uma forte religiosidade entre o grupo, assim como uma complexidade não só social – como os pesquisadores há décadas vêm apontando -, mas também e primordialmente cognitiva desse grupo frente ao tempo e ao viver.

Esperamos que esse trabalho contribua com futuros estudos cujo enfoque seja a relação entre o sambaqui monumental e os grupos que habitavam a região, não lidando com a estrutura como apenas uma fonte material da vida cotidiana dos sambaquieiros – compreendo-o como mais um monumento por sua dimensão na paisagem -, mas sim um ator social imponente com dimensões sociais de profunda relevância nas ações e decisões realizadas pelos sambaquieiros ao longo dos mil anos em que o JAB-II esteve atuando e que é marcante até o presente.

Bibliografia

BECK, Anamaria. **A Variação do Conteúdo Cultural dos Sambaquis**: litoral de Santa Catarina. Florianópolis: USP, 1972. 245 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

BIANCHINI, Gina F.; SCHEEL-YBERT, Rita; GASPAR, Maria D. **Estaca de Lauraceae em contexto funerário (sítio Jabuticabeira II, Santa Catarina, Brasil)**. São Paulo: Revista MAE/USP, n.17: 223-229, 2007.

BIANCHINI, Gina; GASPAR, Maria D.; DEBLASIS, Paulo; SCHEEL-YBERT, Rita. **Processos de formação do sambaqui Jabuticabeira-II**: interpretações através da análise estratigráfica de vestígios vegetais carbonizados. São Paulo: Revista MAE/USP, n.21: 51-69, 2011.

BINFORD, Lewis R. **Archaeology Mortuary Practices**: their study and their potential. New Mexico: Memoirs of the Society for American Archaeology, n. 25: 06-29, 1971.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CALIPPO, Flávio Rizzi. **Sociedade Sambaqueira, Comunidades Marítimas**. São Paulo: MAE/USP, 2011. 311 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti. **Marcadores de Identidades Coletivas no Contexto Funerário Pré-histórico do Nordeste do Brasil**. Recife: CFCH, 2009. 309 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CHAPMAN, Robert. **Death, society and archaeology: the social dimensions of mortuary practices.** Reading: Mortality, v.8 . n.03: 308-315, 2003.

DEBLASIS, Paulo *et al.* **Sambaquis e Paisagem: Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil.** Catamarca: Revista Arqueologia Suramericana/Arqueologia sul-americana. ano 3. v.01. p. 29-61, 2007

DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Maria D. **Os Sambaquis do Sul Catarinense: retrospectiva e perspectiva de dez anos de pesquisas.** Caderno de Ciências Humanas. 2008. ano 11. v.21. p. 83-125.

FISH, Suzanne *et al.* **Eventos incrementais na construção de sambaquis: litoral sul do Estado de Santa Catarina.** São Paulo, Revista MAE/USP, n.10: 69-87, 2000.

GASPAR, Maria Dulce. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GASPAR, Maria Dulce *et al.* **Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro.** São Paulo: Revista MAE/USP, n.17: 169-189, 2007.

GASPAR, Maria D.; HEILBORN, Maria L.; ESCORCIO, Eliana. **A sociedade sambaqueira vista através de sexo e gênero.** São Paulo: Revista MAE/USP, n.21: 17-30, 2011.

GASPAR, Maria Dulce (Org.); SOUZA, Sheila Mendonça (Org.). **Guia Ilustrado das Abordagens Estratégicas em Sambaquis.** Erechim: Habilis, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

KERN, Arno. **A cultura material, a História e a Arqueologia.** *In* Anais da X Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1991.

KLOKLER, Daniela M. **Food for Body and Soul: mortuary ritual in shell mounds (Laguna-Brazil)**. Arizona: University of Arizona. 369 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade do Arizona: Departamento de Antropologia da Universidade do Arizona, 2008.

_____. **Consumo Ritual, Consumo no Ritual: festins funerários e sambaquis**. Goiânia: Revista Habitus, v.10, n.1: 83-104, jul./dez. 2012.

_____. **Há uma estrutura funerária em meu sambaqui... Esse sambaqui e uma estrutura funerária!** In: GASPAR, Maria Dulce (Org.); SOUZA, Sheila Mendonça (Org.). Guia Ilustrado das Abordagens Estratégicas em Sambaquis. Erechim: Habilis, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LIMA, Tânia de Andrade. **Em Busca dos Frutos do Mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil**. São Paulo: Revista MAE/USP, 1999-2000. n.44: p. 270-327.

PADER, Ellen-Jane. **Symbolism, Social Relations and the Interpretation of Mortuary Remains**. Oxford: B.A.R. International Series, 1982. n.130.

PEIRANO, Maria G. S. **A Análise Antropológica de Rituais**. Brasília: Série Antropológica, 2000.

_____. **O Dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v. 05. n.10: 200-212, 1992.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UnB, 1992.

RIBEIRO, Marily Simões. **Arqueologia das práticas mortuárias**: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

SCHEEL-YBERT, Rita. **Os vegetais dos sambaquis**. São Paulo: Revista Ciência Hoje, v. 28, n.165: 26-31, 2000.

SCHEEL-YBERT, Rita; KLOKLER, Daniela; GASPARG, Maria D.; FIGUTI, Levy. **Proposta de Amostragem Padronizada para Macro-vestígios Bioarqueológicos**: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. São Paulo: Revista MAE/USP, n.15-16: 139-163, 2005.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SIMÕES, Cintia Bendazzoli. **O Processo de formação dos sambaquis**: uma leitura estratigráfica do sítio Jabuticabeira II, SC. Tese (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2007.

TENÓRIO, Maria Cristina. **Identidade cultural e origem dos sambaquis**. São Paulo: Revista MAE/USP, n.14: 169-178, 2004.